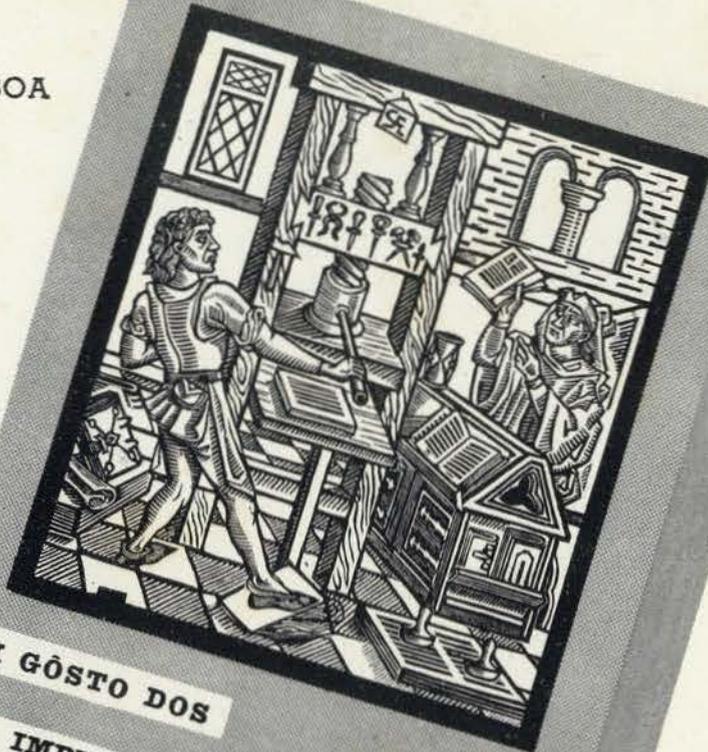
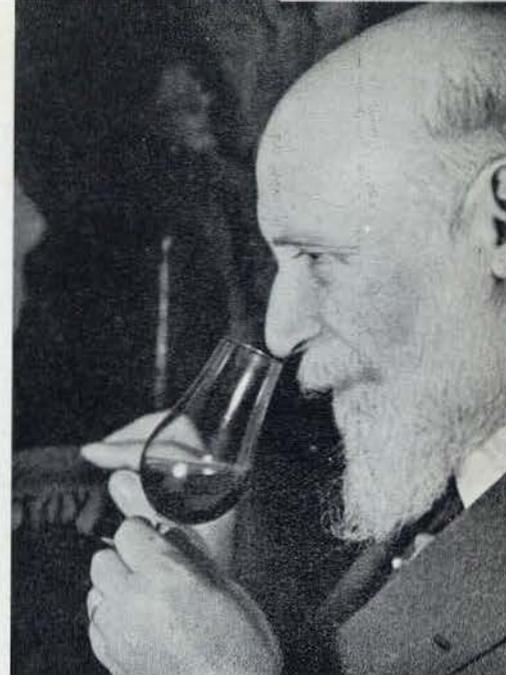
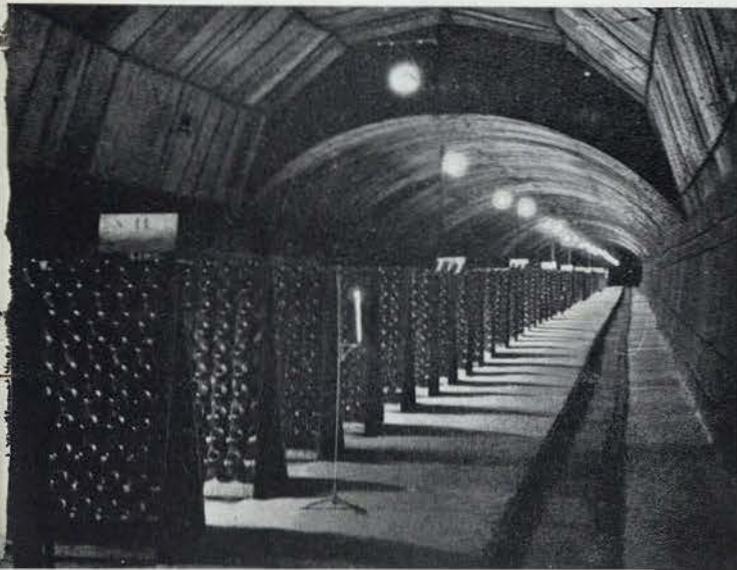
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

número 12 • ano 2.º • 1942

TRAVESSA CONDESSA DO RIO, 27—LISBOA
TELEFONE: P.B.X. 21227-21368
A TRADIÇÃO E O BOM GÔSTO DOS
GRANDES GRAVADORES, IMPRESSO-
RES E COMPOSITORES, SERVIDA PE-
LOS MAIS PERFEITOS E MODERNOS
PROCESSOS GRÁFICOS—EIS O QUE
EXPLICA A PREFERÊNCIA DO PÚ-
BLICO PELOS TRABALHOS DA CASA
BERTRAND
IRMÃOS
Limitada

Os bons vinhos
impõe-se tanto
pelo paladar como
pelo seu aroma
REAL COMPANHIA VINICOLA
DO
NORTE
NEC TEMERE
NEC TIMIDE
DE
PORTUGAL
UMA GAMA
COMPLETA
DE VINHOS
QUE A
OCASIÃO
DISTINGUE
ESCOLHE
E QUERE
O célebre tunel dos espumantes, a mais
notável das tão notáveis instalações
da Real Companhia Vinícola
RCVI.
SEDE EM GAIA. FILIAL: RUA DO ALECRIM, 117.
LISBOA. TELEFONE 2 2556. DEPÓSITO: RUA EN-
TREPAREDES. PORTO TELEFONE 440

A ESBELTEZA, A ELEGÂNCIA IMPECÁVEL E A GRACIOSIDADE COM QUE A NATUREZA DOTOU AS SUAS MAIS BELAS CRIAÇÕES, SÃO ATRIBUTOS QUE A MULHER MODERNA FÀCILMENTE OBTEM, USANDO AS CINTAS

Pompadour

LISBOA

RUA GARRETT N.º 28-30 / TELEFONE 2 2627

RUA AUGUSTA N.º 134-140 / TELEFONE 2 5442

PÔRTO

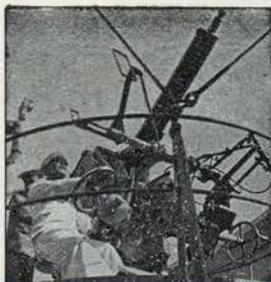
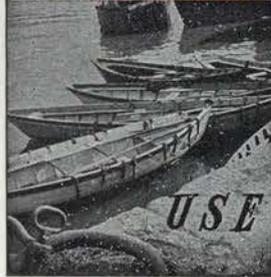
ARMAZENS DA CAPELA / 70, R. CARMELITAS, 76

Leite condensado
MOÇA
DE ALTO VALOR NUTRITIVO, RICO EM VITAMINAS E MAIS DIGESTIVO QUE O LEITE FRESCO
Preparado pela
SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS
AVANCA-PORTUGAL

AS LAMPADAS QUE PORTUGAL INTEIRO

PHILIPS

CONHECE, USA, PREFERE E COMPRA

Publicidade PANORAMA

UMA PÁGINA DE EÇA DE QUEIROZ

LITERATURA DE NATAL

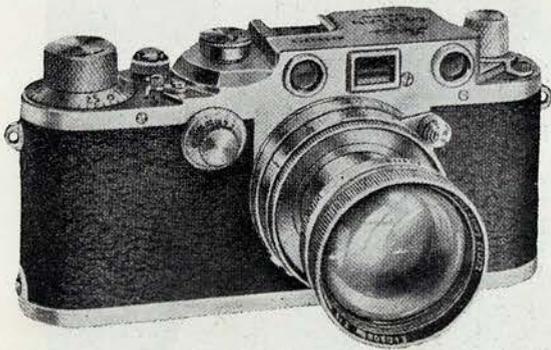
UMA das coisas encantadoras que nos traz o Natal, são êsses lindos livros para crianças, que constituem a *literatura do Natal*.

... ...

Em Inglaterra existe uma verdadeira literatura para crianças, que tem os seus clássicos e os seus inovadores, um movimento e um mercado, editores e génios — em nada inferior à nossa literatura de homens sisudos. Aqui, apenas o bébé começa a soletrar, possue logo os seus livros especiais: são obras adoráveis, que não contém mais de dez ou doze páginas, intercaladas de estampas, impressas em tipo enorme, e de um raro gôsto de edição. Ordinàriamente o assunto é uma história, em seis ou sete frases, e de certo menos complicada e dramática que *O Conde de Monte-Cristo* ou *Nana;* mas enfim tem os seus personagens, o seu enredo, a sua moral, e a sua catástrofe.

Tal é, para dar um exemplo, a lamentável tragédia dos *Três velhos sábios de Chester:* eram muito velhos e muito sábios; e para discutirem coisas da sua sabedoria, meteram-se dentro de uma barrica, mas um pastor que vinha a correr atrás de uma ovelha, deu um encontrão ao tonel e ficaram de pernas ao ar os três velhos sábios de Chester!

Como estas há milhares: a *Cavalgada de João Gilpin* é uma obra de génio.

Depois, quando o bébé chega aos seus oito ou nove anos, proporciona-se-lhe outra literatura. Os sábios, a barrica, os trambulhões, já não o interessariam; vêm então as histórias de viagens, de caçadas, de naufrágios, de destinos fortes, a salutar crónica do triunfo do esfôrço humano sôbre a resistência da natureza.

Tudo isto é contado numa linguagem simples, pura, clara — e provando sempre que na vida o êxito partence àqueles que têm energia, disciplina, sangue-frio e bondade. Raras vezes se leva o espírito da criança para o país do maravilhoso: — não há nestas literaturas nem fantasmas, nem milagres, nem cavernas com dragões de escamas de ouro; isso reserva-se para a gente grande. E quando se fala de anjos ou de fadas é de modo que a criança, naturalmente, venha a rir-se dêsse lindo sobrenatural, e a considerá-lo do género *bonecos* com os seus próprios carneirinhos de algodão.

O que se faz às vezes é animar de uma vida fictícia os companheiros inanimados da infância: as bonecas, os polichinelos, os soldados de chumbo. Conta-se-lhes, por exemplo, a tormentosa existência duma boneca honesta e infeliz: ou os sofrimentos por que passou em campanha, numa guerra longínqua, uma caixa de soldados de chumbo. Esta literatura é profunda. As privações dos soldados vivos não impressionariam talvez a criança — mas todo o seu coração se confrange quando lê que padecimentos e misérias atravessaram aqueles seus amigos, os guerreiros de chumbo, cujas baionetas torcidas ela todos os endireita com os dedos: e assim pode ficar depositado num espírito de criança um justo horror da guerra.

As lições morais, que se dão dêste modo, são inumeráveis, e tanto mais fecundas quanto saem da acção e da existência dos sêres que ela melhor conhece — os seus bonecos.

Depois vêm ainda outros livros para os leitores de doze a quinze anos; popularizações de ciências; descrições dramáticas do universo; estudos captivantes do mundo das plantas, do mar, das aves; viagens e descobertas; a história; e, enfim, em livros de imaginação, a vida social apresentada de modo que nem uma realidade muito crúa ponha no espírito tenro securas de misantropia, nem uma falsa idealização produza uma sentimentalidade mórbida.

... ...

Em pequenos, temos todos uma pontinha de génio: e estou certo que se existisse uma literatura infantil como a da Suécia ou da Holanda, para citar só países tão pequenos como o nosso, erguer-se-ia consideràvelmente entre nós o nível intelectual.

Em lugar disso, apenas a luz do entendimento se abre aos nossos filhos, sepultamo-la sob grossas camadas de latim! Depois do latim acumulamos a retórica! Depois da retórica atulhamo-la de lógica (de lógica, Deus piedoso!) E assim vamos erguendo até aos céus o monumento da camelice!

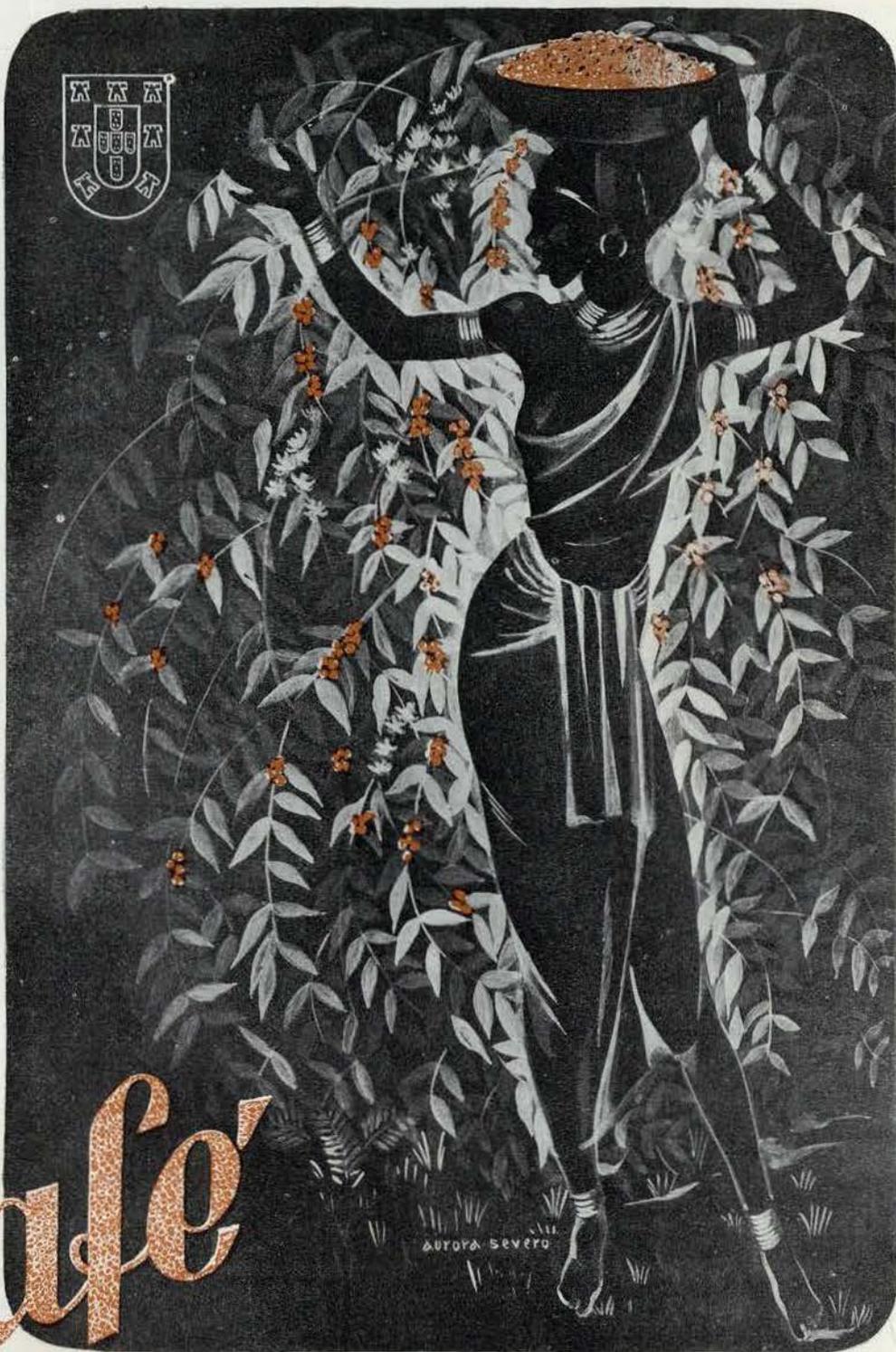
Pois bem: eu tenho a certeza que uma tal literatura infantil penetraria fàcilmente nos nossos costumes domésticos e teria uma venda proveitosa. Muitas senhoras inteligentes e pobres, se poderiam empregar em escrever essas fáceis histórias: não é necessário o génio de Zola ou de Tacheray para inventar o caso dos *três velhos sábios de Chester*. Há entre nós artistas de lápis fácil e engraçado, que comentariam bem essas aventuras num desenho de simples contôrno, sem sombras e sem relêvo, lavado a côres transparentes... E quantos milhares de crianças se fariam felizes, com êsses bonitos livros...!

Eu bem sei que esta idéia de compôr livros para crianças faria rir Lisboa inteira. Também, não é a Lisboa que eu a ofereço. Lisboa não se ocupa dêstes detalhes.

Lisboa quer coisa superior, quer a bela estrofe lírica, o rico drama em que se morre de paixão ao luar, o *fadinho* ao piano, o saboroso namoro de escada, a endecha plangente, a boa facadinha à meia-noite, o discurso em que se cita o Golgota, a andalusa de cuía, — enfim, tudo o que o romantismo português inventou de mais nobre. Educar os seus filhos inteligentemente, está de certo abaixo da sua dignidade.

... ...

EÇA DE QUEIROZ

(Das «Cartas de Inglaterra»).

PREFIRAM SEMPRE

COLONIAL

Assim como os aromas que exalam as flores dos jardins inspiram alegria de viver, os perfumes «Piver» impregnam a atmosfera de sorrisos e sentimentos delicados.
Mascara de
Matité Rêve d'or
Nohiba Pompeïa
Un Parfum d'Aventure
Piver
À VENDA EM TÔDA A PARTE

CONTAX III é o mais completo dos aparelhos de pequeno formato. DE DIA, regista os instantâneos mais velozes com uma nitidez absolutamente perfeita. DE NOITE, no teatro, no "music-hall", etc., à luz artificial, faz excelentes fotografias sem necessidade de poses demoradas.

★ ★ ★

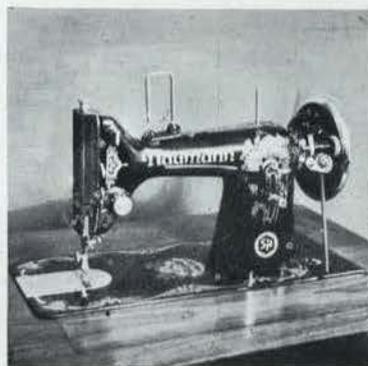
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

J. C. ALVAREZ, L.DA

205, RUA AUGUSTA, 207 — LISBOA

Aqui se aconselha...

HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO. — Eis uma obra que deve figurar em tôdas as estantes. Uma publicação que se impôs, já pelos assuntos nela historiados — tôda a gloriosa acção da gesta portuguesa no Mundo — já pelo escol dos seus colaboradores e categoria da sua apresentação gráfica. Um valioso repositório iconográfico. À venda nas principais livrarias e na Editorial Ática, R. das Chagas, 25, Lisboa — 3 vols. Esc.: 420$00.

TUNGSRAM - KRYPTON é a lâmpada hoje preferida para faróis de automóvel. Dando mais luminosidade do que qualquer outra, dispende menos energia. Esta razão é suficiente para se aconselhar o seu uso. Não lhe parece? — Se quere poupar dinheiro, economizando a bateria do seu carro, faça, pois, a substituïção das lâmpadas do seu automóvel pelas da marca *Tungsram-Krypton*. Com estas, ficam as noites claríssimas. Viajará com mais gôsto e maior tranqüilidade.

NAUMANN é sem dúvida a máquina de costura que satisfaz completamente as senhoras mais exigentes. Se quere conhecer os modelos desta apreciada máquina, visite a exposição no stand NAUMANN, na Rua Eugénio dos Santos, 169 a 173, em Lisboa, onde também pode tirar, grátis, o curso de coser, de cortar e de bordar. NAUMANN tem agentes em todo o país que atenderão, prontamente, os pedidos que lhes dirijam.

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLESS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLESS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

que leia, veja e compre

Eis o rádio-receptor ideal para estas noites de inverno. É um ORION, o que quere dizer *superior qualidade*. Construído sòlidamente e de apresentação atraente, êste novo ORION, modêlo 233 U, será o traço de união entre a sua casa e todo o mundo. Boa audição, manejo simples, diminuto consumo e preço moderado: são os motivos que o recomendam. ORION é distribuído pela Radiófila, Lda., R. Nova do Almada, 80, 2.º, Lisboa.

FLEUR BLEUE é a Água de Colónia criada por D'EUXLEY e preparada segundo uma recêita do século XVIII. FLEUR BLEUE «é um doce perfume que se respira» disse Charles Trenet, «é e ficará sendo a minha Água de Colónia», afirmou Micheline Presle; «para a admirável Fleur Bleue tôda a minha simpatia», escreveu Tino Rossi. Resta dizer: — É distribuidora a Sociedade Portuguesa de Perfumarias, Rua Rodrigo da Fonseca, 87, Lisboa.

NESTA quadra festiva do ano é sempre grande preocupação e difícil a escôlha de um brinde a oferecer às pessoas de amizade. Por êsse motivo aqui lhe sugerimos que pode escolher e adquirir um bom e utilíssimo presente, entre a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados na CASA ESTEVES, Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

ESTA é a PISTOLA AUTOMÁTICA STAR, modêlo para bôlso, que se vende na conhecida casa A. M. SILVA, na Rua da Betesga, 67, em Lisboa. De oito tiros, calibre 6,35 e com o cão à vista, STAR é uma arma de grande precisão e funcionamento seguro. Uma das suas apreciáveis qualidades, além das apontadas, é a de ser a pistola que oferece a maior segurança contra acidentes. Se necessita usar arma, procure ver primeiro uma STAR.

INTAVA
COMBUSTÍVEIS, LUBRIFICANTES E ESPECIALIDADES PARA AVIAÇÃO
SOCONY-VACUUM

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 1.º - TEL. 29311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 12 ★ DEZEMBRO, 1942 ★ VOLUME 2.º

JOSÉ DE LEMOS **O Natal nas ruas e nas lojas**
Êste número e as crianças
PADRE MIGUEL DE OLIVEIRA **A Igreja de Nossa Senhora de Fátima**
JORGE SEGURADO **Dêem às crianças ambientes apropriados!**
JOSÉ CASSIANO NEVES **Palácio e Jardins do Marquês de Fronteira**
R. C. **As crianças e as artistas portuguesas**
Janeiras de Trás-os-Montes
GERMANA BRAZ DE OLIVEIRA **Santarém**
AUGUSTO CUNHA **Campanha do Bom Gôsto — Pousada do Serém**
OLAVO D'EÇA LEAL **Brinquedos portugueses para meninos portugueses**
AUGUSTO PINTO **O Vinho do Pôrto e as Festas do Natal Português**
C. Q. **A Exposição de Arte Francesa Contemporânea**
CECIL BEATON **Fotografias feitas em Portugal**
DIOGO DE MACEDO **Presépios**
A. DE F. **Aqui se elogiam as mãos dos nossos artífices**
A. C. **Valores turísticos — Grande Hotel do Luso**
EÇA DE QUEIROZ **Literatura de Natal**

CAPA DE OFÉLIA MARQUES — ILUSTRAÇÃO «HORS-TEXTE»: TAPEÇARIA INDO-PERSA DO SÉCULO XVII, COM MOTIVOS PORTUGUESES — DESENHOS DE: MARIA KEIL DO AMARAL, OFÉLIA MARQUES, BERNARDO MARQUES, JOSÉ DE LEMOS E PAULO FERREIRA — FOTOGRAFIAS DE: ANTONIO DUARTE, BELEZA, CARLOS RIBEIRO, CECIL BEATON, FRANCISCO VIANA, GOMES (SANTARÉM), HORACIO NOVAES, J. BENOLIEL, MANFREDO, MARIO NOVAES E TOM.

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

PREÇO: 6$00

O Natal NAS RUAS E NAS LOJAS

Texto e Desenhos de José de Lemos

A multidão na rua caminha alegremente. Nas montras dos estabelecimentos brilham estrêlas e os ramos de pinheiros, carregados de brinquedos, lembram árvores de frutos fantásticos. E há presépios! O menino Jesus, deitado nas palhinhas, tem uma auréola em volta da cabeça. O burrinho e o boi, de olhares meigos, fitam o Menino. Nossa Senhora sorri e, de braços abertos, parece querer dizer:

— Êle é vosso!

Ao lado de Nossa Senhora, está S. José. Ajoelhados, juntos ao Deus Menino, os Reis Magos e os pobres pastorinhos, são feitos do mesmo barro.

Sôbre o presépio brilha uma estrêla de cartão dourado.

As crianças ficam-se encantadas, olhando as montras. E dizem às mamãs:

— Gostava que o Menino Jesus me desse, êste ano, aquela máquina e aquela bola e aquele navio.

Quando um menino tem um desejo e o diz em voz alta e a mamã o ouve, o Menino Jesus nunca se esquece.

À noite, na véspera de Natal, põe no sapatinho, junto à lareira, a máquina a bola e o navio.

Nas livrarias fazem-se exposições de livros infantis. Com os seus desenhos de côres vivas e a sua linguagem simples, são, entre os livros eruditos, meninos entre o doutores.

Nos grandes armazéns, iluminados fèèricamente, revolvem-se prateleiras e sôbre o balcão, a monte, há mil e uma coisas.

As mãos das senhoras andam às voltas, em vôos de escôlha; os empregados, amáveis, sorridentes, cheios de paciência, são os próprios a aconselhar:

— Esta gravata, minha senhora, é um lindíssimo presente de Natal.

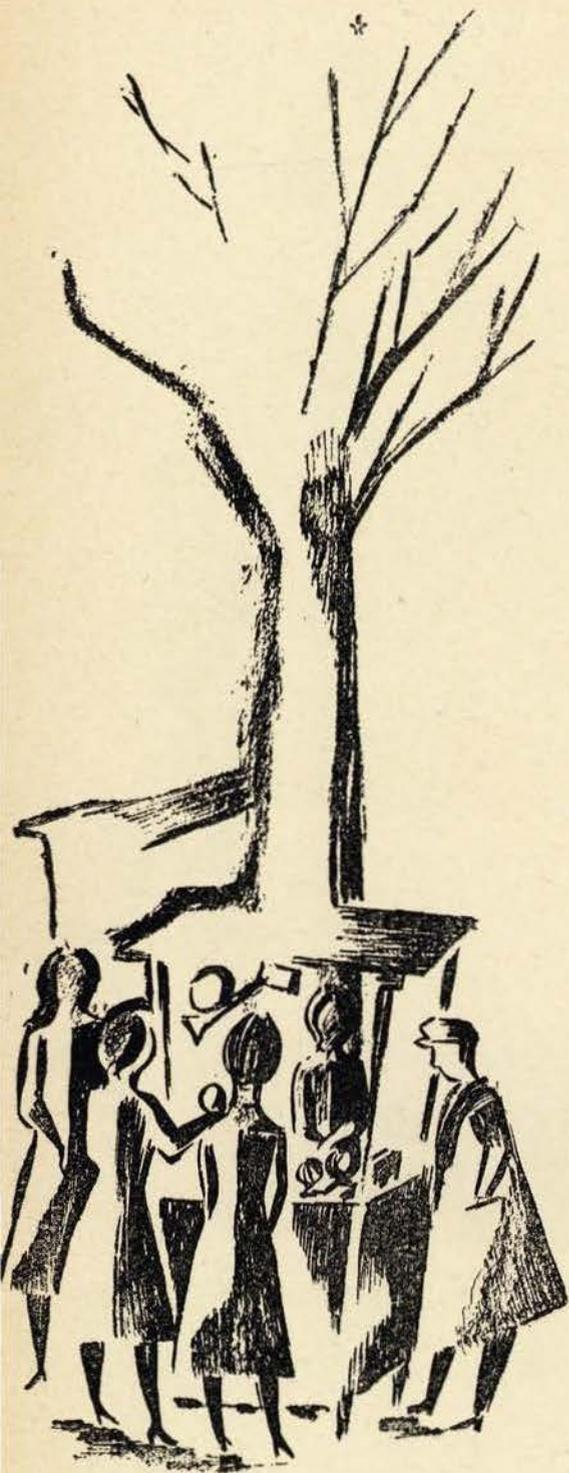
A senhora pega nela, faz bechi-bechi com o tecido entre os dedos; torce-a em nó: é uma linda gravata!

A máquina registradora tine constantemente. É a sinfonia do negócio: capitais que entram, trocos que saiem.

Sôbre um mar de senhoras, os embrulhos desaparecem. Há um bruáá de vozes, de risos, de agradecimentos, de boas festas. Tôdas as secções são invadidas: loiças enfeitadas com flores azues e caravelas e brazões; vestidos ricos de sêda e de chita; luvas de corte elegante que fazem já adivinhar as mãos finas das mulheres; os frascos de perfumes, guardados em caixas tão finas como o próprio perfume; e tantas e tantas outras coisas! E os brinquedos de corda correndo com os seus ruídos de roca; e as bonecas que dizem mamã; e os cavalos de pasta grandes, de pernas firmes, de altura dos meninos; e os automóveis de pedal que não precisam de gasolina para andar.

As montras das ourivesarias estão cheias e brilham, como noite maravilhosa.

A multidão pára.

Há senhoras com os olhos fitos nas jóias e nas pratas lavradas, obras-primas de pacientes artífices. E as filigranas, que nossos olhos encantados só acreditam por verem, lembram trabalhos de fadas, reünidas em floresta encantada, que das fôlhas, amarelas pelo Outono, fizessem, com seus dedos finos, jóias levezinhas, que o vento trouxesse até nós.

No passeio, um cauteleiro apregoa:

— Seis mil contos para o Natal!

A sorte é caprichosa, não escolhe números, mas, entre as pessoas que rodeiam o cauteleiro, olhos sonhadores e palpites bruxos, procuram o sete, o três, o cinco.

E a multidão continua vagarosamente, olhando as montras, procurando, escolhendo.

Lá estão as garrafas de Pôrto, com seus rótulos aristocráticos, orgulhosas das suas medalhas de ouro, algumas já cobertas pelo pó dos tempos; e as broas, as broas de todos os anos, com seu feitio de chalua; os frutos cristalizados, acamados em caixas com lacinhos de côres em volta, ou a monte, dentro de cestos; e os doces, feitos por receitas vindas de geração em geração; e, em volta das portas, molduras de ananazes e cachos de bananas; e ainda as uvas, conservadas com mil cuidados, com seus bagos amarelos de maduros, como gôtas de ouro.

As senhoras enchem casas de Chá. Consultam-se listas, não vá faltar alguma coisa. Há encontros casuais, uma confraternização alegre. Pregunta-se amàvelmente por pessoas ausentes.

Alguns estão a chegar, vêm passar o Natal junto da família. Vêm do Norte, do Sul, de Africa, dos Açores.

O chá é breve, ainda há muito que fazer.

Cai a tarde.

Iluminam-se as montras e brilham as primeiras estrêlas no céu.

Caminha-se a custo pelas ruas.

Passam eléctricos cheios, tilintando, com o nome dos bairros em letras iluminadas. Nas paragens a multidão espera.

Num largo, em volta da estátua do Poeta, há pequenas barracas cheias de brinquedos.

— Tudo a dez tostões!

E, em volta, operários, poetas, costureirinhas de olhar romântico, escolhem aqueles simples e pequeninos brinquedos que valem um mundo de alegria.

FOTO DE ANTÓNIO DUARTE

RAROS são hoje os países onde o Natal pode ser festejado. Mas em todos será sentido, revivido na intimidade dos lares cristãos, no recolhimento dos corações. Eterno e sagrado símbolo da Esperança, o Natal é mais das crianças do que dos adultos. Aconselhando estes a que lhes dêem ambientes apropriados, sugerindo a criação de novos brinquedos, evocando a graça poética dos presépios e a ternura com que as artistas da nossa terra as têm interpretado — PANORAMA consagra-lhes, especialmente, êste número; a elas, às crianças portuguesas, que podem festejar o Natal com bonitos, guloseimas, risos claros — mas pensando também nas outras, com as quais gostariamos de ver repartidas as alegrias das nossas.

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

PELO

Padre Miguel de Oliveira

A 13 de Outubro de 1917, acorrera à Cova da Iria grande multidão que esperava, ansiosa, o prometido milagre. De súbito, começaram a agitar-se os ramos da azinheira, rasgou-se no céu a cortina de nuvens e o sol brilhou em todo o esplendor. Só os três pastores puderam contemplar a celeste Mensageira, mas os sinais misteriosos do sol impressionaram todos os olhares, como nos grandes momentos bíblicos em que Deus falava no Sinai ou o Profeta subia ao céu em carro de fogo. A comoção impôs silêncio, enquanto

as crianças dialogavam com a Virgem. Breve e supremo instante. Foi a última Aparição...

Estes contactos extraordinários do céu com a terra fazem estremecer o mundo e deixam as almas a vibrar para sempre. Volvidos alguns anos, a celestial mensagem tinha irradiado para as nações mais distantes, Nossa Senhora conquistara novo título universal, Fátima era oceano de luz e Lisboa ia disputar-lhe a primazia de inaugurar o monumento votivo da gratidão portuguesa.

A igreja de Nossa Senhora de Fátima é êsse monumento. Como tôda a obra humana, causaria a decepção do ideal inatingido, se os artistas pretendessem materializar um sonho, em vez de lhe criar um ambiente. Ao serviço da Fé, a maior ambição da Arte é transformar-se em caminho de comunicação com o sobrenatural. E isto realiza-se naquele templo de linhas sóbrias, tão diferente de todos os que já enriqueciam a cidade de Lisboa.

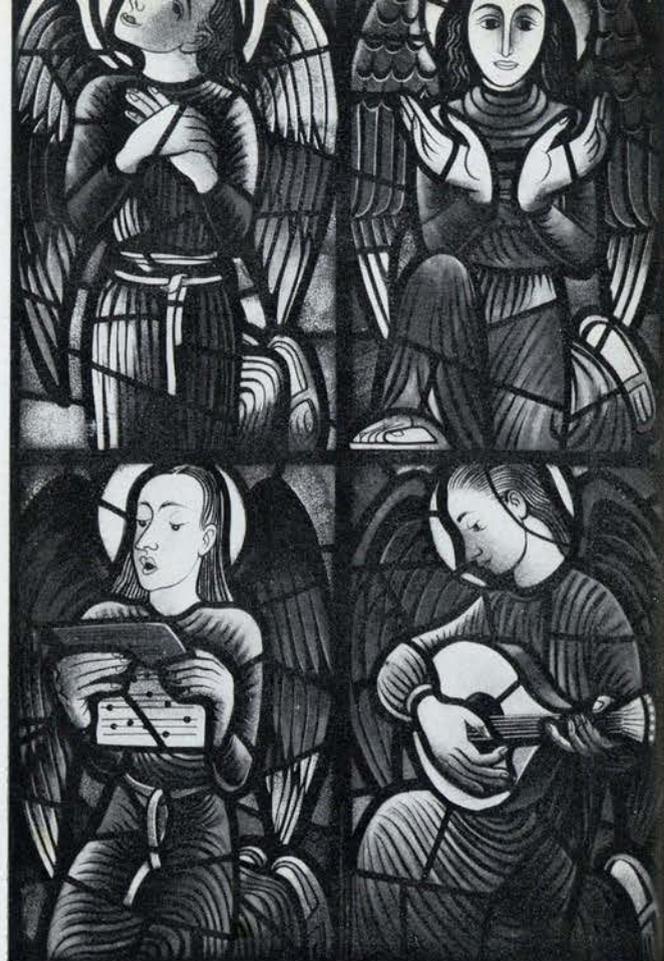
Desde o friso dos Apóstolos que à entrada convi-

A Nave Central e o Baptistério, com decorações de Almada Negreiros e escultura de Leopoldo de Almeida

dam a caminhar com Cristo, até à «sinfonia azul» dos anjos cantores que, ao fundo da ousia, emprestam asas à oração dos fiéis; desde o afresco da coroação da Virgem e dos passos da Paixão, até ao mármore branco em que se abre o sorriso e se erguem as mãos da Padroeira; do baptistério à casa mortuária, murmúrio de fonte e marulhar de oceano — a Arte obrigou todos os elementos materiais a viver o drama interior das almas. Como nos monumentos da mais pura arte medieval, os fiéis respiram naquele ambiente, com a beleza, espe-

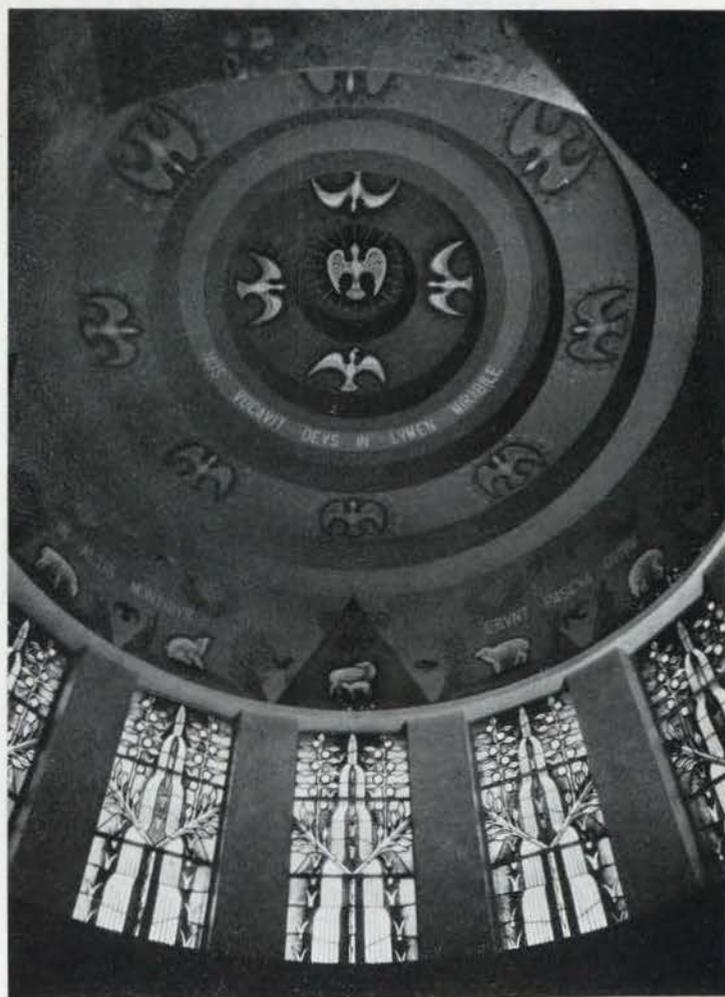
rança e fé. Quer os olhos acompanhem a ascensão da nave, quer se prendam à imagem pintada, esculpida ou luminosa, o espírito eleva-se para o mundo das realidades sobrenaturais.

Sé, Jerónimos, Estrêla e Fátima — são os monumentos de arte que nos parecem abalizar períodos nos oito séculos da história cristã de Lisboa. Em Fátima só pode notar-se, por enquanto, a falta das condizentes alfaias e paramentos, que decerto acabariam de reconciliar com a arte do nosso tempo quem se escandalizou à primeira vista de uma igreja que fugia audaciosamente dos estilos clássicos.

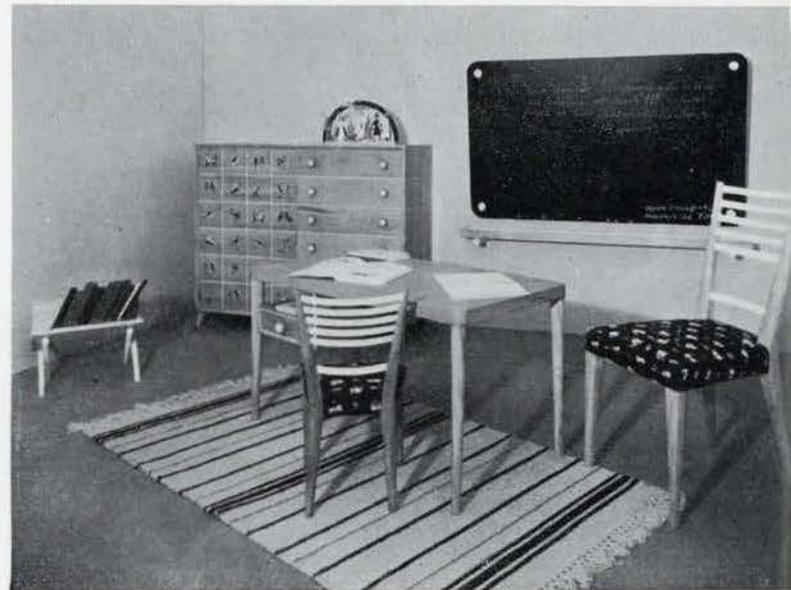
Via Sacra — Afresco de Henrique Franco. Os Anjos Cantores — Vitrais de Almada Negreiros

FOTOS MARIO NOVAES

A igreja nova das Avenidas Novas honra uma plêiade de artistas portugueses: na arquitectura, Pardal Monteiro e Rodrigues Lima; na escultura, Francisco Franco, Leopoldo de Almeida, Barata Feio, Raúl Xavier e Anjos Teixeira (Filho); no vitral, Almada Negreiros; no afresco, Henrique Franco e Lino António. Veja-se, porém, a declaração que êles publicaram, ao inaugurar a igreja em 13 de Outubro de 1938:

«O mestre de todos nós, de alma tão grande e de visão tão profunda, que ia muitas vezes adiante das nossas concepções e sempre as completou e embelezou mais, não o clama nenhuma lápide lá dentro. Mas êle foi o maior de todos, com a sua presença, o seu conselho e o seu estímulo: o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa».

Pormenor do Friso dos Apóstolos — Relevos de Francisco Franco. O tecto do Baptistério — Frescos e vitrais de Almada Negreiros

Os quartos de dormir e de brincar devem ser — como êste — amplos, claros, bem arejados . . .

Dêem às crianças ambientes apropriados!

CULTIVAR a sensibilidade ingénua das crianças, falar-lhes com imagens simples, próprias da sua linguagem, deve ser a preocupação do decorador que pretenda arranjar-lhes um ambiente acertado, quer no seu quartinho de cama, quer na casa dos brinquedos ou, ainda, na simples e alegre pré-primária aula dum parque infantil. As crianças são como as flores: todos os cuidados são poucos com elas. A sua verdade é aquela realidade vi-

Sala de estudo, desenhada por Tom e editada pela casa "Olaio". Móveis construidos pelos reclusos da Penitenciária.

Nos Parques Infantis há sempre a preocupação de dar às crianças um ambiente agradável e risonho.

. . . com decorações ingénuas e alegres, móveis de linhas simples e proporções adequadas.

Pormenor de outra sala de estudo, para menina. Desenho de móveis e mapa decorativo de Tom.

Estes painéis decorativos, pintados por Estrêla Faria, interpretam, graciosamente, o abecedário.

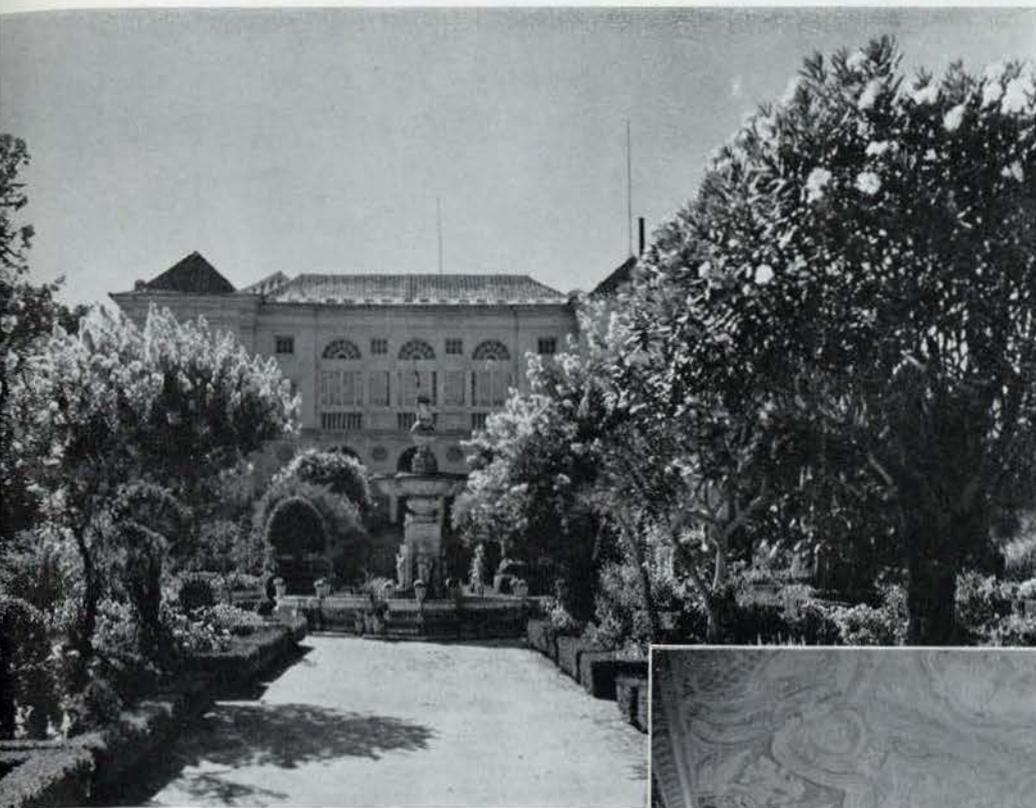
sual, bem expressa nos seus saborosos desenhos de sensações puras que lhes dão: –o burro orelhudo; o moínho de alvas velas no alto do outeiro; os graciosos cisnes que deslisam calmamente no lago do jardim público; a bicicleta de rodas finas; o robusto e veloz automóvel; o cavalo airoso e o pesado boi; o cãozinho, ou mesmo o canzarrão, que tão amavelmente brincam com elas; o gato caseiro de bigodes espetados que corre atraz dos novêlos de lã; enfim, todos aqueles animais e aquelas coisas que as crianças vêem, sobretudo com movimento. Decorar um interior destinado a crianças é, antes de tudo, um problema de inteligência. Conseguir um ambiente infantil com minúsculos móveis, francas e ingénuas decorações de côres suaves e calmas, é dos problemas mais difíceis de resolver com acêrto e harmonia. O decorador, ao desenhar os móveis e ao imaginar e pintar as decorações murais, deve ter unicamente bem presente no seu espírito: A CRIANÇA.

JORGE SEGURADO

PALÁCIO E JARDINS DO
Marquez de Fronteira

DESDE a Renascença que «os reis, os monges, os fidalgos, os burgueses enriquecidos ostentavam o fausto e a pompa hierarchica» (R. Ortigão), construindo palácios majestosos, para que eram chamados os mais célebres artistas.

Portugal de quinhentos, das descobertas e conquistas, não podia ficar indiferente ao que então se passava no resto da Europa, além de que, pelas nossas relações com a Flandres, onde possuíamos uma rica e próspera colónia desde 1386, notável pelo luxo e gôsto artístico, cultivando as ciências e as letras, muito principalmente no século XVI com as feitorias de Bruges e Anvers, não podíamos deixar de ser influenciados por êles, importando de lá não só os artistas, mencionados em muitos diplomas, mas também objectos de arte.

No entanto, foi principalmente a partir de D. João II, que tanto impulso deu às artes em Portugal, que o nosso país começou a ser freqüentado por artistas estrangeiros, muito particularmente por italianos, que a partir de meados

É notável o estado de conservação, não só do maravilhoso palácio, como dos jardins do Marquês de Fronteira — propriedade do Conde da Tôrre.

FOTOS MÁRIO NOVAES

do século XVI assombravam tôda a Europa, e aqui deixaram bem gravada a sua passagem. É dessa época o célebre Palácio da Bacalhoa, em Azeitão, fundado por um filho do grande Afonso de Albuquerque, em que se nota a transição entre a arquitectura medieval e a Renascença, e que afirma o renascimento das artes em Portugal.

É já costume velho responsabilizar o terramoto de 1755, sem dúvida uma catástrofe nacional, e as invasões francesas, do desaparecimento de muitas obras de arte, quando grande parte dessa responsabilidade pertence aos homens da nossa terra.

Assim, uns por demolição, outros por abandôno, e muitos por transferência de proprietário, saindo das famílias de origem, se perderam os palácios dos Marqueses de Lavradio, Penafiel (o de Lisboa e o de Loures, o célebre palácio do Correio-Mor), Pombal, às Janelas Verdes e em Oeiras, Niza, a Xabregas, Castelo Melhor e, mais tarde, do Marquês da Foz, Abrantes, Alegrete, Borba, dos Condes de S. Miguel à

FOTOS MÁRIO NOVAES

Junqueira, Galveias (que foi dos justiçados Marqueses de Távora), Almada, Óbidos, Povolide, Carvalhal, na Rocha do Conde de Óbidos, do Visconde de Barbacena, Barão de Quintela e Morgado de Assintis, alguns dêles ainda notáveis na segunda metade do século passado, pelo seu mobiliário e galerias de pintura, que Raczinski ainda descreve em 1845.

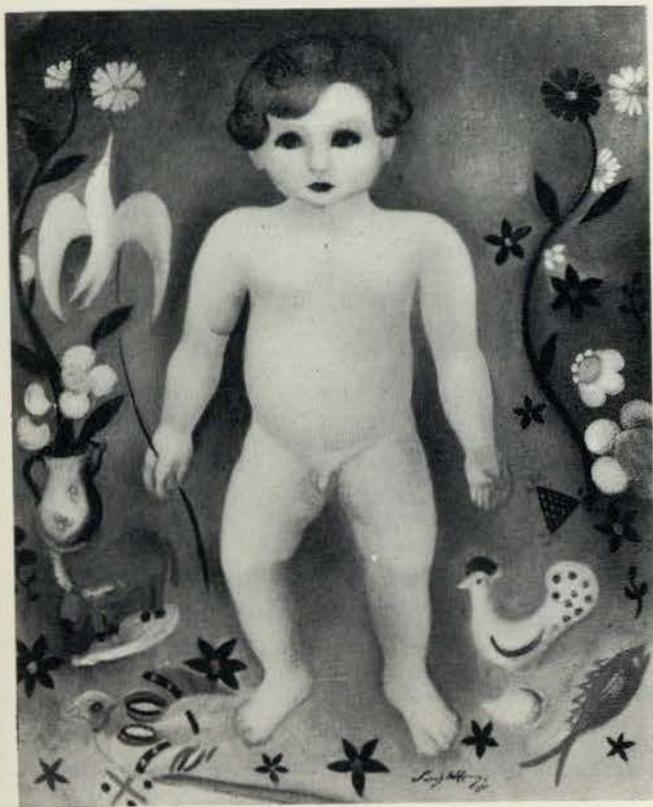
Se bem que se desconheça o seu arquitecto, sem dúvida, esta casa também é obra de artistas italianos. Foi pela primeira vez descrita em 1678, em latim, por Alexis Collote de Jantilet, natural do Ducado de Lorena, secretário que foi do Infante D. Duarte, enquanto êste esteve na Alemanha.

Foi seu fundador o 2.º Conde da Tôrre e 1.º Marquês de Fronteira, D. João Mascarenhas, um dos bravos generais das guerras da Restauração, que o edificou no distrito da freguesia de Benfica, que — como diz Ramalho Ortigão — é o «recantinho suburbano de Lisboa que mais aproximada idéia nos sugere do que é para Roma o prestígio de Tivoli e de Froscati.»

É da tradição que o Palácio foi inaugurado com uma merenda oferecida ao Rei D. Pedro II, seguida de uma caçada.

JOSÉ CASSIANO NEVES

(Continua na pág. 8 do Boletim)

As Crianças e as Artistas Portuguesas

Sarah Affonso — Óleo

Clementina Manta — Desenho

QUEM, melhor do que as mulheres, compreende e sente as crianças? As próprias crianças, decerto... Mas nunca os homens — que sentem, pensam e agem mais distanciados do maravilhoso e misterioso mundo que é a infância. Não sabem brincar, nem conversar com elas. Nada. No ponto de vista da interpretação artística, a criança está longe de ser, literária e plàsticamente, um tema fácil. Compreende-se porquê: tudo, nela, está ainda por formar, por definir-se; os seus traços fisionómicos e psicológicos são esboços de feições e de caractères. Depois, a frescura e a graça da criança não se deixam fixar objectivamente. São virtudes inefáveis, imponderáveis, incoersíveis. Só um artista dotado de intuição e

Maria Keil — Desenho

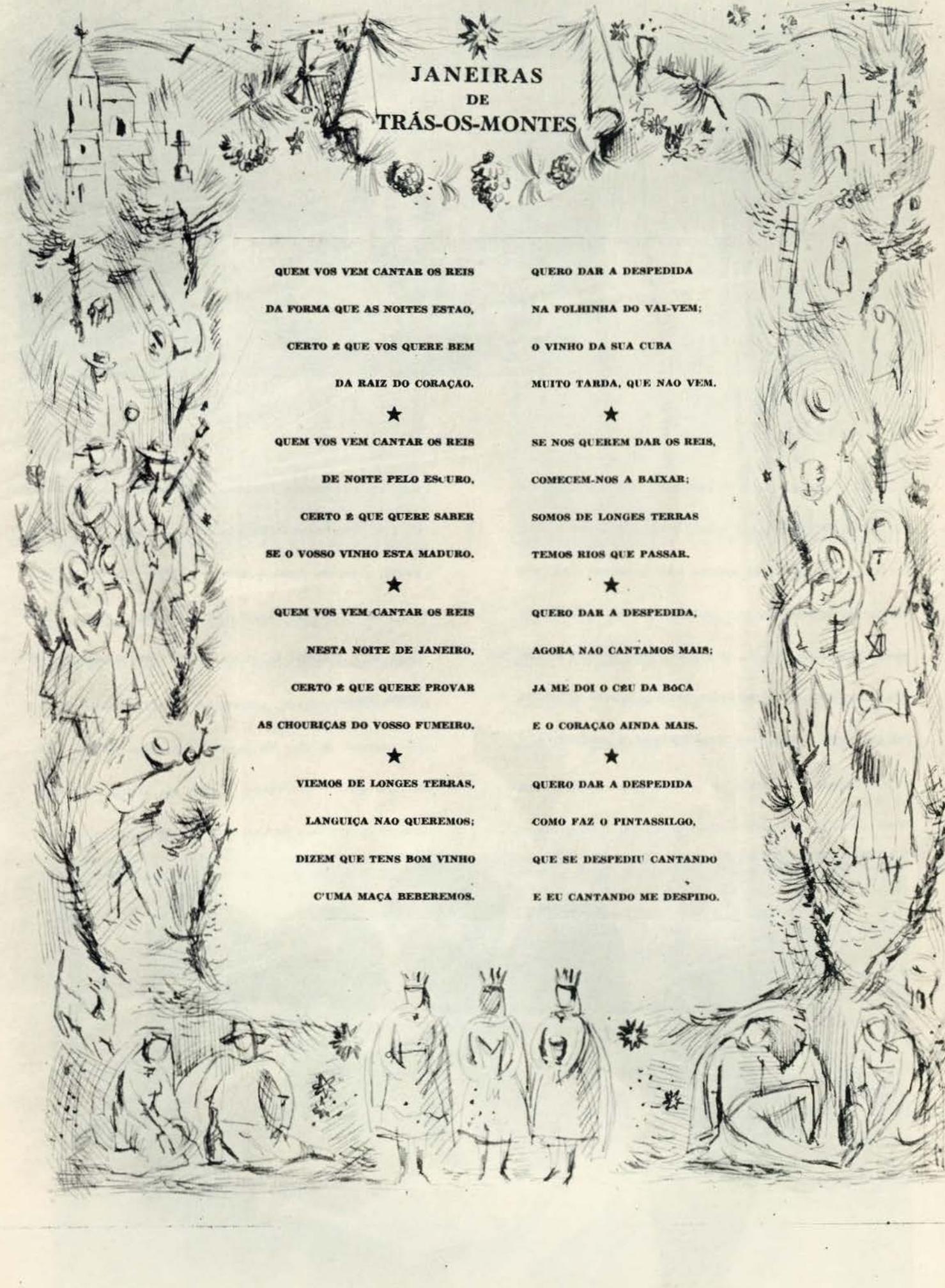
Ofélia Marques — Óleo

sensibilidade afinadíssimas pode tentar, quando muito, sugeri-las. E como essas qualidades são essencialmente femininas, a criança, como tema de interpretação artística, seduz mais as mulheres do que os homens. Isto deve ser assim em tôda a parte, mas é uma verdade evidente que as artistas portuguesas manifestam especial predileção pelos modelos infantis. Por isso, a dificuldade em ilustrar estas páginas consistiu, apenas, em seleccionar os desenhos e reproduções de quadros que, reünidos, dariam para encher um album. (E não seria um album interessante, a fazer e a publicar? Há vários idênticos, por êsse mundo fora, em tôda a parte onde existem e prosperam editores de iniciativa e de gôsto). Acrescente-se que nem só as artistas portuguesas aqui representadas têm desenhado e pintado, com ternura e talento, meninas e meninos. De outras nos lembramos — como de Mily Possoz, Alice Rey Colaço e Mamia Roque Gameiro. Salientamos, particularmente, o nome da pin-

Zoë Wanthelet Batalha Reis — Óleo

tora Zoë Wanthelet Batalha Reis, de quem reproduzimos, no alto desta página, um belo e gracioso quadro a óleo. Por isto, que as outras artistas não ignoram: Zoë, não sendo — pela sua idade e índole dos seu trabalhos — uma artista moderna, é, no entanto, uma grande artista. Um complexo de qualidades invulgarmente apuradas fez com que a sua obra transcendesse a mediocridade escolar, vaziamente académica, da maioria dos pintores da sua geração, constituindo, portanto, além de fonte de prazer estético, lição e exemplo recomendáveis a muitos dos artistas do nosso tempo. Digamos, mesmo, com mais dura clareza: a muitos dos artistas **modernos** do nosso tempo.

B. C.

Estrêla Faria — Óleo

JANEIRAS
DE
TRÁS-OS-MONTES

QUEM VOS VEM CANTAR OS REIS
DA FORMA QUE AS NOITES ESTAO,
CERTO É QUE VOS QUERE BEM
DA RAIZ DO CORAÇAO.

★

QUEM VOS VEM CANTAR OS REIS
DE NOITE PELO ESCURO,
CERTO É QUE QUERE SABER
SE O VOSSO VINHO ESTA MADURO.

★

QUEM VOS VEM CANTAR OS REIS
NESTA NOITE DE JANEIRO,
CERTO É QUE QUERE PROVAR
AS CHOURIÇAS DO VOSSO FUMEIRO.

★

VIEMOS DE LONGES TERRAS,
LANGUIÇA NAO QUEREMOS;
DIZEM QUE TENS BOM VINHO
C'UMA MAÇA BEBEREMOS.

QUERO DAR A DESPEDIDA
NA FOLHINHA DO VAI-VEM;
O VINHO DA SUA CUBA
MUITO TARDA, QUE NAO VEM.

★

SE NOS QUEREM DAR OS REIS,
COMECEM-NOS A BAIXAR;
SOMOS DE LONGES TERRAS
TEMOS RIOS QUE PASSAR.

★

QUERO DAR A DESPEDIDA,
AGORA NAO CANTAMOS MAIS;
JA ME DOI O CÉU DA BOCA
E O CORAÇAO AINDA MAIS.

★

QUERO DAR A DESPEDIDA
COMO FAZ O PINTASSILGO,
QUE SE DESPEDIU CANTANDO
E EU CANTANDO ME DESPIDO.

Cercadura e desenho de Paulo Ferreira

FOTO BELEZA

SANTARÉM

por Germana Braz de Oliveira

A cidade de Santarém ergue-se sobranceira no alto das colinas que dominam o Tejo nêsse ponto, como se tôda ela fôsse construída para formar um maravilhoso miradouro sôbre a vasta região ribatejana. O rio passa em baixo, a espraiar-se, preguiçoso, durante o verão, a correr de mansinho sob as arcarias da ponte que liga a Almeirim, águas claras a ziguezaguear por entre as terras, a deixar aparecer largas corôas de areia, manchas douradas entre a verdejante paìsagem das margens.

No inverno, porém, torna-se caprichoso e os taboleiros da ponte D. Luiz já não ficam muito altos sôbre as águas. O rio cresce, em torrente e êle, que é a riqueza dêsse torrão abençoado, transforma-se, não raro, em factor de desolação e cuidados.

Santarém fica lá no alto, as cheias não a podem atingir. Os mouros, ao erigir o castelo que D. Afonso Henriques se dispôs, um dia, a conquistar, deram provas de segura visão previdente. Não poderia ser melhor escolhido o local para centro daquelas vastas campinas que o Tejo fertiliza e enriquece.

Santarém, cidade progressiva, encerra belos documentos do passado. Mas não são só os monumentos. Há ruas que formam autênticos recantos medievais. Na das Esteiras, onde um devoto mandou erigir uma capelinha no sítio em que

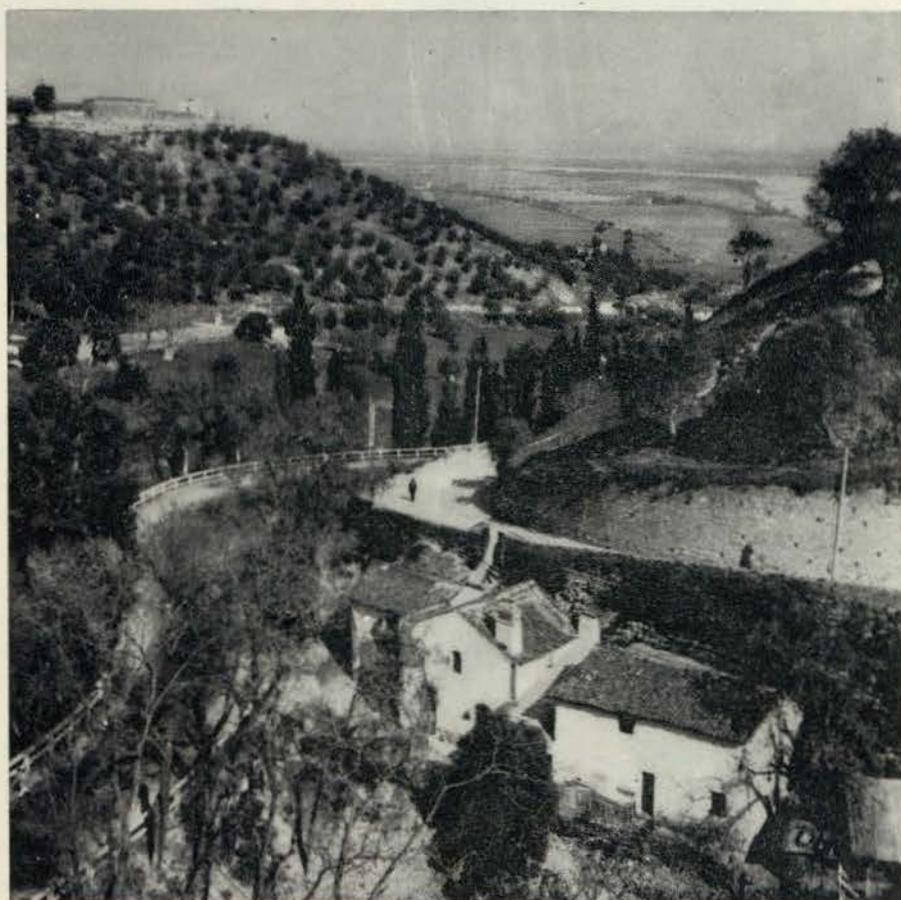
se erguia a casa onde se deu o milagre com a hóstia trazida da igreja por uma mulher que a escondeu numa baeta, ao comungar, o aspecto mantém-se, tal como era, há séculos. Os vasos suspensos nas paredes, fora das janelas, a portada do antigo convento dos Capuchos — hoje creche para crianças desamparadas — os balcões floridos de outras moradias conservam o ar nostálgico de outros tempos, como se os séculos não passassem.

No entanto, Santarém progride e trabalha para se expandir, e garantir-se um futuro cada vez melhor, como o atesta o vasto empreendimento da sua Câmara Municipal, ao urbanizar o antigo planalto de S. Bento, para nêle instalar um Bairro-Jardim, com a área de oito hectares, quatro quilómetros de avenidas, tendo já prontas as terraplenagens e canalizações.

Junto ao bairro está a concluir-se o novo Liceu Nacional Sá da Bandeira, que começará a funcionar em Outubro de 1943.

Para que seja fácil o acesso entre o bairro novo e o burgo da Ribeira, já está construída uma escadaria monumental, com dois lanços, totalizando vinte metros de altura, intercalados entre o piso da estrada nova que serpenteia no mesmo sítio e irá ligar o alto de S. Bento com a antiga Sezirigo dos romanos.

Do alto dessa escadaria o ponto de vista não pode ser mais belo. À direita as muralhas do antigo castelo — hoje *Portas do Sol* — em baixo, por entre a ramaria do arvoredo das encostas, uma igreja cujo campanário quási se perde entre a verdura de vários tons e, mais abaixo ainda, tôda a beleza do Tejo, com a ponte a estender-se, muito comprida, até atingir na outra margem o casario do lugar da Tapada — guarda avançada da vila de Almeirim.

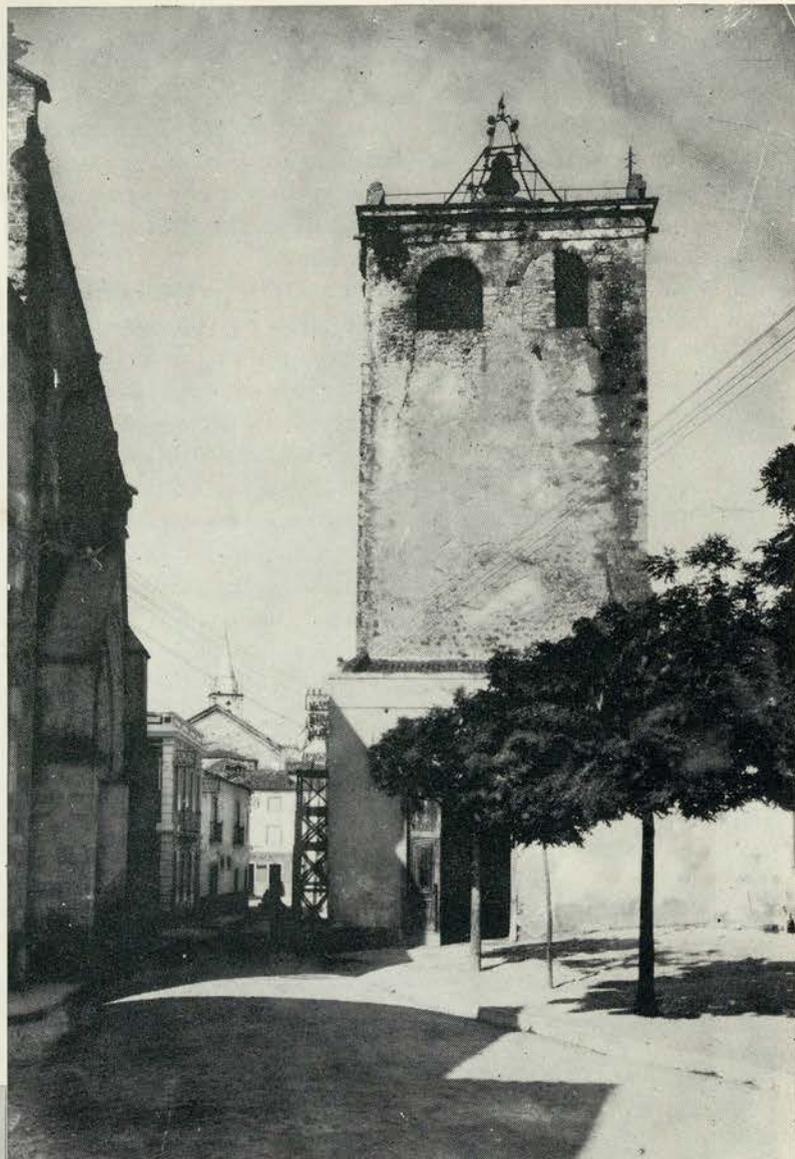
Tôda a poesia do Ribatejo se resume nêsse panorama em que se alongam no horizonte lezírias e campos de cultura, onde, aqui e além, se perfilam chou-

FOTOS DE TOM E MANFREDO

Tanto a paisagem como os costumes de Santarém possuem características inconfundíveis e cheias de interêsse

pos altos e esguios, em renques verdejantes.

Santarém, ao executar êsse projecto de largo futuro, teve a intuição feliz de lhe ligar qualquer coisa do seu passado e, para paróquia do Bairro-Jardim, resolveu restituir à antiga beleza uma das suas preciosidades. A igreja do velho convento de Santa Clara, que no século XIII D. Afonso III mandou erigir, está a ser reposta na sua traça primitiva, em puro estilo gótico. As grandes arcarias ao longo da nave dão ao recinto um ar de majestosa simplicidade.

No século XVII, as freiras resolveram abrir o túmulo de D. Leonor Afonso, filha natural de D. Afonso III, que ali professara e morrera em cheiro de santidade, e expôr à veneração dos fiéis os seus restos mortais, encerrados num sarcófago Renascença. O seu túmulo desaparecera, mas, com as obras, foi, há quatro anos, encontrado enterrado no meio da igreja. Todo em pedra, em estilo gótico, num dos tôpos a Anunciação da Virgem, no outro a estigmatização de um santo. Dos lados, frades e freiras claristas, tudo em baixo-relêvo bem conservado.

FOTOS GOMES (SANTARÉM)

A famosa Tôrre das Cabaças

Da tampa é que, infelizmente, só apareceu uma parte, ficando mutilada a estátua jacente. Agora vai voltar ao seu lugar na igreja, mas os ossos de D. Leonor continuarão no seu actual sarcófago. Numa crónica do padre Inácio de Vasconcelos, publicada em 1637 com o título «Santarém Edificada», faz-se referência a êste facto, que assim se provou ser verdadeiro.

Na igreja da Graça, onde também se está a proceder a grandes obras, fez-se outra descoberta, que confirma outro caso a que a mesma crónica se refere. Diz o padre Vasconcelos que quando ali se construíu um altar a Santa Rita foi-lhe dado o lugar da capela absidal.

(Continua na página I)

Tapete Indo-Persa do comêço do século XVII. Na parte superior do tapete, vêem-se representadas caravelas e personagens vestidas com trajes portugueses do século XVII.

Gravura da História da Expansão do Mundo Português,
reproduzida em tricromia por BERTRAND IRMÃOS Lda.

Um trecho da imponente e aprazível paisagem do Vale do Vouga (no Serém) que a Pousada de Santo António domina

FOTO MÁRIO NOVAES

CAMPANHA DO BOM GÔSTO

A Pousada de Santo António, em frente da linda povoação de Macinhata do Vouga, no lugar de Serém, recentemente inaugurada pelo Secretariado da Propaganda Nacional, é um vivo exemplo de bom gôsto, daquele bom gôsto que êste departamento do Estado põe sempre em tudo que executa e realiza, daquele bom gôsto de que tem feito tão útil, persistente e necessária campanha.

Já as participações de Portugal em várias exposições internacionais têm marcado em grande parte pelo bom gôsto dos nossos artistas, pela acertada escolha dos seus realizadores.

Nas Pousadas que ultimamente o Secretariado da Propaganda Nacional tem mobilado e decorado, também os resultados à vista demonstram mais uma vez o mesmo acêrto.

As Pousadas ficam sendo assim um rico mostruário espalhado por todo o país, pequenas amostras, mas com valor — valor educativo e de exemplo a seguir — lições práticas de bom gôsto e de como se deve orientar a indústria

FOTOS MÁRIO NOVAES

POUSADA DE SANTO ANTÓNIO
NO SERÉM . VALE DO VOUGA

FOTOS MARIO NOVAES

hoteleira de região para região; demonstração prática, incontestável e concludente de que as linhas arquitectónicas, os motivos de decoração e os próprios materiais não devem ir procurar-se nos catálogos ou copiar-se ou trazer-se lá de fora, mas — tanto como as loiças, os tecidos e os próprios produtos que hão de entrar nas ementas — devem procurar-se de preferência na região.

Na Pousada de Santo António, projecto do arquitecto portuense Rogério de Azevedo e que o grande artista Carlos Botelho primorosamente decorou, os saborosos motivos de arte popular portuguesa, os metais, o mobiliário artisticamente executado pela casa Sousa Braga, os azulejos, os tapetes, as passadeiras, o próprio tejolo tipicamente regional utilizado, realizaram o mais simpático e confortável conjunto que o mais requintado bom gôsto podia exigir.

Não há ali uma nota discordante, uma coisa fora do seu lugar. Nada se

esqueceu. Nenhum pormenor foi desprezado.

A graça dos interiores, a beleza dos móveis, na simplicidade e sobriedade das suas linhas, as cadeiras que convidam ao repouso, a côr e o tom das roupas e dos tecidos, as louças, os motivos ornamentais, a graciosa legenda colocada sôbre a porta da sala de jantar — "O que a bôca pede o coração o deseja" — o caprichoso ex-libris formado pelas iniciais do Vale de Vouga dominadas por um pinheiro bravo que tem no topo uma graciosa estrelinha, a sensação de tranqüilidade e de bem estar que nos dá a ampla e bela galeria que domina a sala de jantar, o equilíbrio de tons e de linhas, a harmonia geral que resulta de tudo isto, são, ali, proveitosas lições de bom gôsto, do bom gôsto que é preciso pôr em tudo, principalmente em tudo que respeita ao turismo, ao bom turismo, para o qual o bom gôsto é o clima próprio, necessário e indispensável.

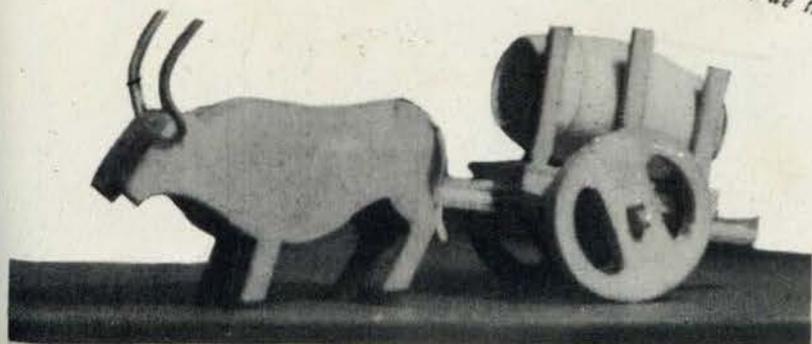
AUGUSTO CUNHA

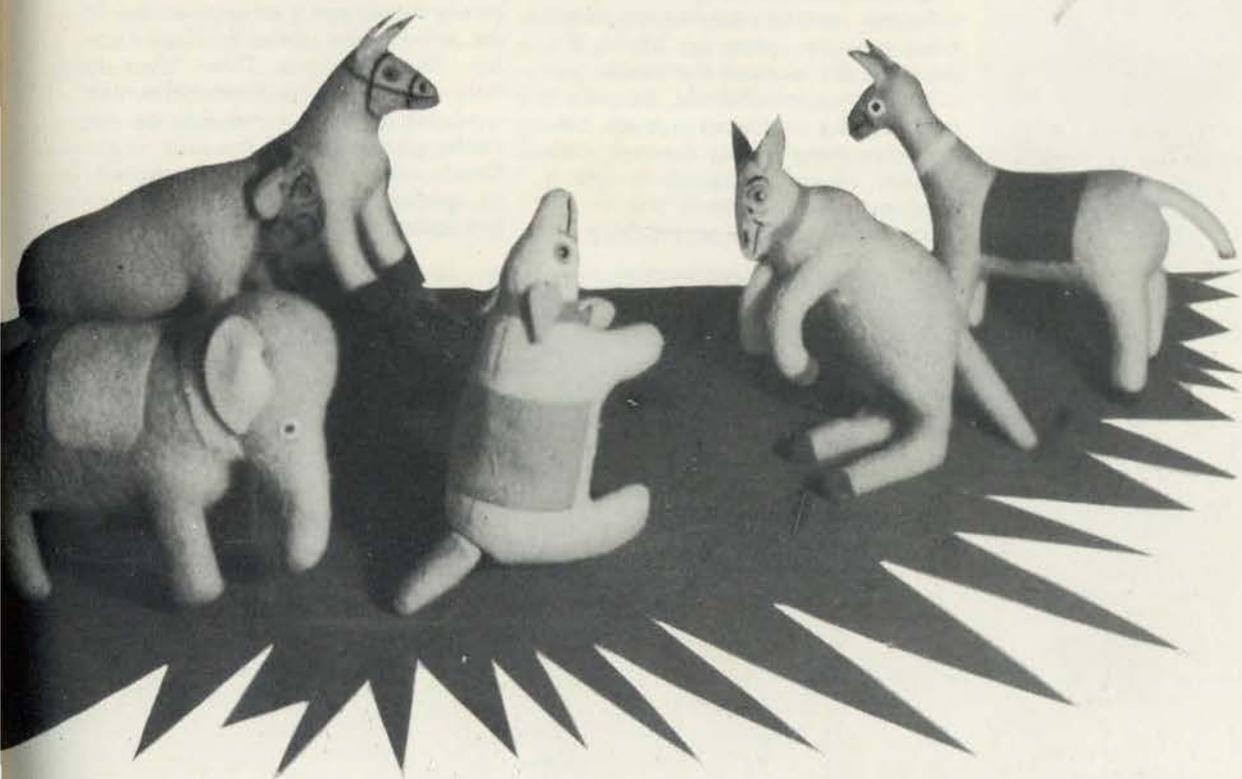
FOTOS FRANCISCO VIANA

Brinquedos Portugueses

PARA MENINOS PORTUGUESES

por Olavo d'Eça Leal

Em tempos, quando o Menino Jesus, ou tu, faziam anos, a família e os amigos da casa ofereciam-te objectos desconcertantes e inúteis, chamados brinquedos. Tu, está claro, ficavas muito contente com os presentes, por virem embrulhados em papéis vistosos, por constituírem uma novidade, aliás provisória (lamentável defeito da novidade!) mas principalmente por ser costume ficarmos contentes quando alguém nos oferece qualquer coisa. Na verdade, ou seja, no dia seguinte (a verdade só é completa no dia seguinte), verificavas que os tais brinquedos não correspondiam às tuas secretas ambições. Ah! o dia seguinte do brinquedo! Como é rápida a decadência do brinquedo, uma vez arrancado ao arranjo da montra da loja, onde brilhou, rodeado por outros brinquedos, valorizado por luzes hipócritas! Os brinquedos deviam ficar eternamente nas suas caixas bonitas, ou pendurados no tecto dos estabelecimentos, para serem apontados pelos dedos indicadores dos meninos. É raro um brinquedo corresponder à imaginação da criança que o recebe. Deves lembrar-te de que, por volta dos teus seis anos, não achavas graça nenhuma a um boneco, por mais bonito que êle fôsse. Eu, pelo menos, não achava. O que eu queria, era um martelo verdadeiro para pregar pregos verdadeiros onde me apetecesse. A lei natural dos contrastes convida as crianças a desejarem coisas adultas. Por exemplo: um cavalo vivo, com arreios de «cow-boy», é artigo muito querido de todos os meninos. Pistolas autênticas, das que dão tiros homicidas, bicicletas de duas rodas, serrotes, etc., são objectos apreciadíssimos pela infância, que também aceita, resignadamente, as respectivas imitações, de lata, de três rodas, e sem

dentes. **S***into-me tentado a fazer-te uma exposição pormenorizada das minhas opiniões a respeito de brinquedos, mas o «Panorama» pediu-me que não gastasse mais de três páginas, destas onde só cabem impressões gerais, refrescadas com algumas gravuras.* **P***or um lado, ainda bem que não me posso alargar.* **E** *ras capaz de ficar escandalizado com as teorias que eu te apresentasse, bastante revolucionárias e inaplicáveis, principalmente aos meninos da cidade, cujo* habitat *exige certa compostura.* **T***enho um amigo um bocado parecido comigo nestes assuntos de educação infantil.* **T***em dois filhos a quem tudo permite e a quem gostaria de realizar todos os sonhos.* **H***á tempo, um dos pequenos pediu-lhe um serrote com dentes afiados, e o pai fez-lhe a vontade.* **O** *serrote marcou época em casa do meu amigo.* **V***ários móveis de estimação foram serrados pelo garoto que, trocadilho àparte, tem «bicho carpinteiro».* **O** *pai do serrador desgostou-se com a proesa do filho e julgo que lhe tirou o serrote.* **M***as teve desgôsto quando lhe tirou o serrote.* **D***isse-me, confidencialmente, que nunca mais o seu querido filho teria um brinquedo que lhe desse satisfação comparável à daquele serrote verdadeiro. «***R***esta saber — concluiu — se é melhor evitar a perda de móveis insubstituíveis ou a perda duma partícula da alegria de viver do meu filho».* **M***as, repito, não é possível apertar em tão poucas linhas a extensa filosofia do brinquedo.* **A***penas me compete dizer, em poucas palavras, o seguinte: os brinquedos que se vendem correntemente, estão quási todos «errados», e é bom que se pense em fabricar brinquedos «certos».* **E** *o que são os «brinquedos certos»?* **D***iabo! caímos outra vez no círculo vicioso.* **O***s «brinquedos certos» são melindrosos, por enquanto.* **A***s crianças portuguesas já trazem de longe, quando nascem, uma indisciplina, uma desordem que não lhes consente manusear dinamite sem perigo de explosões.* **L***ogo, não as podemos presentear, aos dez anos, como acontece aos meninos alemãis, com espingardas de tiro rápido, nem com cavalos de carne e ôsso, como é uso conceder às crianças inglesas.* **S***ejamos prudentes com os nossos filhos, deliciosamente meridionais, imaginativos e bravos!* **F***abriquemos, para êles, alguns brinquedos mansos e já consagrados, mas tanto quanto possível aportuguesados.* **O***s barcos, por exemplo, por que não hão-de ser copiados dos nossos barcos pesqueiros e fluviais?* **P***or que não copiamos também os carros de bois graciosos e simples que se arrastam lentamente, de aldeia em aldeia, carregados de mato ou de pipas de vinho?* **P***or que não reproduzimos, em expressivas figuras de madeira ou de cortiça pintada, as nossas procissões de província?* **E** *as bandas de música com o Zé Pereira e companhia, há tantos anos reproduzidas em barro tôsco e à venda*

nas feiras onde a gente da cidade, de gôsto mais apurado, logo as procura e esgota?! **E** não têm fim os brinquedos portugueses que podíamos fabricar para os pequenos portugueses. **P**uzzles, com imagens históricas ou características cênas rurais; bonecos vestidos folclòricamente (são às dezenas os tipos e os trajos populares). **E** temos ainda o recurso vastíssimo da «inspiração imperial». **A**s «coisas» e «gentes» de Macau e Timor, de Cabo Verde, do interior de Angola e de Moçambique... **C**hega a causar-nos náuseas a visita casual e forçada que, por vezes, tu e eu fazemos às lojas de brinquedos, quando não podemos deixar de cumprir o protocolo da oferta dum brinquedo ao nosso filho, ou ao filho do médico amigo que não nos levou nada pela consulta. **T**u bem sabes que não estou a criticar por gôsto, por maldade, ou mero espírito combativo. **T**u bem sabes que essas lojas são um horror, uma confusão de borracheiras erradas ou totalmente abstractas, quási tôdas feitas no estrangeiro para meninos estrangeiros, ou, o que é mil vezes pior, fabricadas em Portugal à imitação servil do que se faz lá fora, tudo frágil e em série, muito caro, pouco espirituoso, nada espiritual, sempre incapaz de colaborar na educação infantil portuguesa, já de si tão desnorteada. **Q**ue êxito comercial e pedagógico não teria a criação dum estabelecimento onde só se vendessem brinquedos nacionais, de motivos, matérias primas e mão de obra nacionais?! **A**qui está uma idéia que parece inventada de propósito para ser posta em prática por alguns artistas conhecidos, que sabem conjugar o bom gôsto com aquele mínimo de previdência comercial indispensável para amparar os tíbios passos do sonho, e que já têm resolvido alguns problemas de industrialização artística. **E**nfim, meu caro, fiquemos por aqui. **A**-pesar-da desarrumação de idéias com que te falei, estou convencido de que percebeste muito bem o que eu te queria dizer e que, feitas as contas, se resume nisto: — **E** preciso fazer brinquedos portugueses para meninos portugueses... **P**or todos os motivos e mais um.

PELO REGRESSO DO VINHO DO PÔRTO ÀS FESTAS DO NATAL PORTUGUÊS

por AUGUSTO PINTO

Mais renitente e mais ruim do que a raiz de escalracho em terra de batatal, sempre foi e será a porfia da extravagância intrometida nos ritos duma festa genuína. Porque, se para arrancar a primeira, súa e tresúa, na faina, o lavrador, mas ao cabo lhe doma o dano, já na avançada contra a segunda, ninguém, por muito que se esfalfe e barafuste, consegue estirpá-la de todo.

Isto se escreve, com vista às perniciosas deturpações que práticas alheias trouxeram à pureza e à beleza do Natal Português, dêle fazendo celebração que, por muitos e variados exotismos, se não compadece já com os sentimentos cristãos e familiares, tradicionais da nossa gente. Sobretudo, naqueles burgos maiores, capital e outros, onde mais do que estrangeiros, os próprios, na fúria das iconoclastias ou na frouxeza dos arremêdos, foram, pouco a pouco, desvirtuando e profanando a suave e santíssima festa.

Dos Natais de antanho, em muitos sítios de Portugal, com efeito, já de quanto foi encanto de nossos avós e pais, e deveria continuar a ser enlêvo dos nossos filhos e netos, muito desapareceu ou está substituído por costumeiras de estranhos povos.

Desde recuados tempos que, em nossa terra, sempre se comemorou o aniversário do Nascimento do Menino Jesus — grande acontecimento festejado com alta devoção pela Cristandade inteira — à base do Presépio, levantado e iluminado nos templos, erguido carinhosamente nos lares, posto nos balcões dos bazares e nas montras das tendas, por tôda a parte resplandecendo, na graça e na poesia das suas imagens e das suas figurinhas pastoris. Pois deram-se, ùltimamente, muitos portugueses em pôr o Presépio de banda, trocado por um pinheiro parvículo, todo esguedelhado de acúleos, mordido de pavios de côr, impante de nozes prateadas, de ouropéis, de bolinhas de vidro e de quinquilharia barata — coisa bastante absurda, e por demais importada dos países protestantes do Norte, por via Londres ou Paris. «Árvore de Natal» lhe chamam seus cultivadores e noveis adoradores. E como praga a espalham por onde calha — casa de rico e de pobre, escola oficial, asilo ou teatro, taberna ou caverna, só não a plantando junto dos altares, por ali lhe vedar o passo a Igreja, como sacrilégio.

De bom Natal Português foi também a representação, por suas vésperas e matinas, de autos ou mistérios, aos portais dos conventos, dependências de solares, ou mesmo palcos. E além disso, outras cerimónias votivas, como eram a loas ou toadas que se cantavam em coros, e como — ainda hoje em curso por certas regiões da Beira — era o cortejo e queima do «madeiro sagrado», pretexto de grossa folgança no adro ou terreiro da povoação.

Mas sem curar especialmente do sumiço ou decadência de tais usanças, por não haverem — mesmo dantes — carácter geral, e serem sempre restrictas a certas classes, locais, e complementares, portanto, dos actos essenciais da solenização, de alguns dêstes é que se deve lamentar a perda ou relaxe. E buscar-lhes a reconstituïção, indispensável ao perfeito cunho da festa portuguesa.

É um dêsses, a Missa do Galo que ainda se canta na maioria das igrejas do país, e forma, com a missa ou missas do dia, o fulcro dos júbilos do Natal Católico, Natal Português. Dessa Missa do Galo (a não ser insignificantemente, e da banda do público dos seus fiéis em povoados grados) nada há que dizer — por Deus! — de irreverência ou incongruência, perturbante da sua expressão litúrgica inalterável.

O mesmo, e com tristeza, se não pode afirmar dos preitos domésticos, tão particulares à festa da Natividade. Foi ela sempre, em Pátria nossa, da maior intimidade e calma, sem que isso lhe roubasse fulgores da mais nobre alegria. Circunscrita aos muros da casa paterna, patriarcal e familiar por excelência, era pretexto de reünião de parentes (mesmo os ausentes, que de longe vinham) para todo um ritual de amor e de paz. Dessa casa ninguém saía, a não ser para a missa da meia noite, durante aquela augusta e sacrossanta velada. E era em tôrno de mesa farta (Fartura e Paz, em regra, andam juntas) que a festa ganhava o máximo calor e esplendor. Comiam-se pratos portugueses legítimos — o bacalhau das ceias nortenhas, o perú lisboeta, a ameijoada algarvia e outros que tais — regados a vinhos castiçamente portugueses. Serviam-se, em complemento, as frutas da época e as frutas sêcas portuguesas, frioleiras de sobremesas regionais, esplêndido queijo serrano, e tôda aquela teoria de guloseimas da rica doçaria portuguesa, que não encontra rival por tôda a bola do Mundo. E para as saúdes que a pragmática impunha, era sempre e só um velho vinho fino, de boa marca duriense, que se vertia nos copos e se escorropichava com regalo. Abençoada noite, essa, do bom Natal Português!

Poluíram-na os que a passam, como hoje tantos fazem — lamentàvelmente — no reboliço dos restaurantes e das casas de patuscada nocturna. Os que trocaram a honesta consoada caseira pelo «rèveillon» desvairado, com barretes de papel enfiados na cabeça, pinchando bailados gentílicos, por madrugada fora. Os que ali mastigam anodinas vitualhas da Estranja, e tragam líquidos exóticos, «ipando» e «hurrando» na estulta funçanata. Os que desvirtuaram, desnacionalizaram e descristianizaram a mais bela, mais genuína, mais religiosa das festas portuguesas.

E até aqueles que, respeitando-a e acatando-a em grande parte, para comerem um naco de fraco bôlo-rei, de origem francesa, em vez duma sólida rabanada, de óptima estirpe lusitana, estoiram e tomam «champanhe» ou bebida parecida em vez de, *patriòticamente*, sorverem com delícia um portuguesíssimo vinho do Pôrto.

O vinho do Pôrto — hajam nossos patrícios paciência! — tem de regressar às festas familiares do Natal Português, donde tem sido sistemàticamente arredado.

Cabem-lhe, para isso, elevados privilégios, velhos direitos consuetudinários. Foi sempre o vinho de sobremesa, o vinho de honra, o vinho de parabens e de brindes — remate condígno dos grandes ágapes nacionais. E foi sempre o líquido excelso, utilizado entre nós em »saúdes» nos dias de anos, e mais do que em todos êles, nos dias do aniversário do Nascimento do Menino Deus.

É pois de o volver a seu papel digníssimo, nessa data, e na hora bendita em que à volta da távola da consoada, as almas consoladas com maior unção confraternizam. Ali é seu lugar, e nesse momento a sua intervenção mais eloqüente. E dever é de todo o português, render-lhe então justíssimo preito, associando-o aos seus louvores cordeais — a êle, que é o mais cordial de todos os vinhos.

Depois, e no instante que passa, obrigação é consumi-lo, de preferência a outro qualquer.

É bom não olvidar que tremenda crise atravessa o vinho do Pôrto, visto haver-lhe a guerra, por carência de transportes e conseqüentes dificuldades de exportação, fechado aqueles mercados habituais, donde, por sua venda, acarretava para o país proventos extraordinários. Era êle a riqueza maior da região, onde a cêpa rasteirinha e generosa que o dá, com a mesma exuberância frutifica, à luz do sol e das estrelas de Portugal. Era êle, igualmente, o animador maior dum trabalho, dum tráfego e dum comércio em que se ocupavam alguns milhares de pessoas. E era êle, em resumo, o fornecedor certo do bem estar, da tranqüilidade, dos meios de vida, de muita e muita gente, que hoje padece, por falta do seu movimento e da sua expansão, grandes faltas e grandes precisões.

(Continua na pág. II)

Desenhos de Carlos Botelho

EXPOSIÇÃO DE ARTE FRANCESA CONTEMPORÂNEA

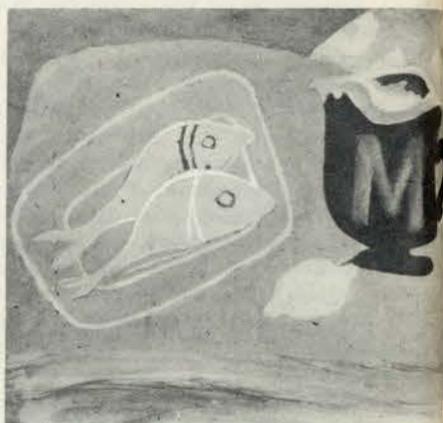
LISBOA assistiu, no mês passado, a um acontecimento de extraordinária importância: a *Exposição de Arte Francesa Contemporânea,* organizada pela Associação Francesa de Acção Artística, sob o patrocínio do Estado Francês e com a colaboração do Instituto Francês em Portugal.

Só não diremos que os salões da Sociedade Nacional de Belas Artes ficaram repletos de especimes de pintura, escultura e ilustração de livros, porque uma das vantagens dêste inesquecível certame foi ensinar-nos que as obras d'arte, embora colectivamente apresentadas, também precisam de oxigénio.

Com isto sublinhamos, a par da equilibrada sobriedade, fino gôsto dos tons e harmonia geral do arranjo das salas, a inteligente arrumação que foi dada (e bom era que fôsse sempre) aos trabalhos expostos. Estes, de facto, respiravam — e os visitantes também.

Excedeu, todavia, uma centena o número de telas, esculturas e desenhos ali reünidos. Nem todos os artistas franceses que alcançaram nomeada, durante os cincoenta anos decorridos após os primeiros gritos revolucionários, estiveram representados, o que não seria, talvez, possível, nem absolutamente necessário. Compreende-se, mesmo, que os mestres, os expoentes máximos das sucessivas escolas, correntes e grupos cujos pontos de contacto, elos de encadeamento, divergências e lutas determinaram o que constitui a arte moderna francesa — de repercussão e de influência mundiais — não estivessem representados pelas suas obras primas. A Exposição, sendo o que podia ser, foi, no entanto, admirável.

Henri de Waroquier — «Rapariga», óleo.
Charles Despiau — «Torso de mulher», bronze.

De Segonzac — «Paris», gravura.

George Braque — «Salmonetes», pintura.
Marie Laurencin — «Cabeça de rapariga», óleo.

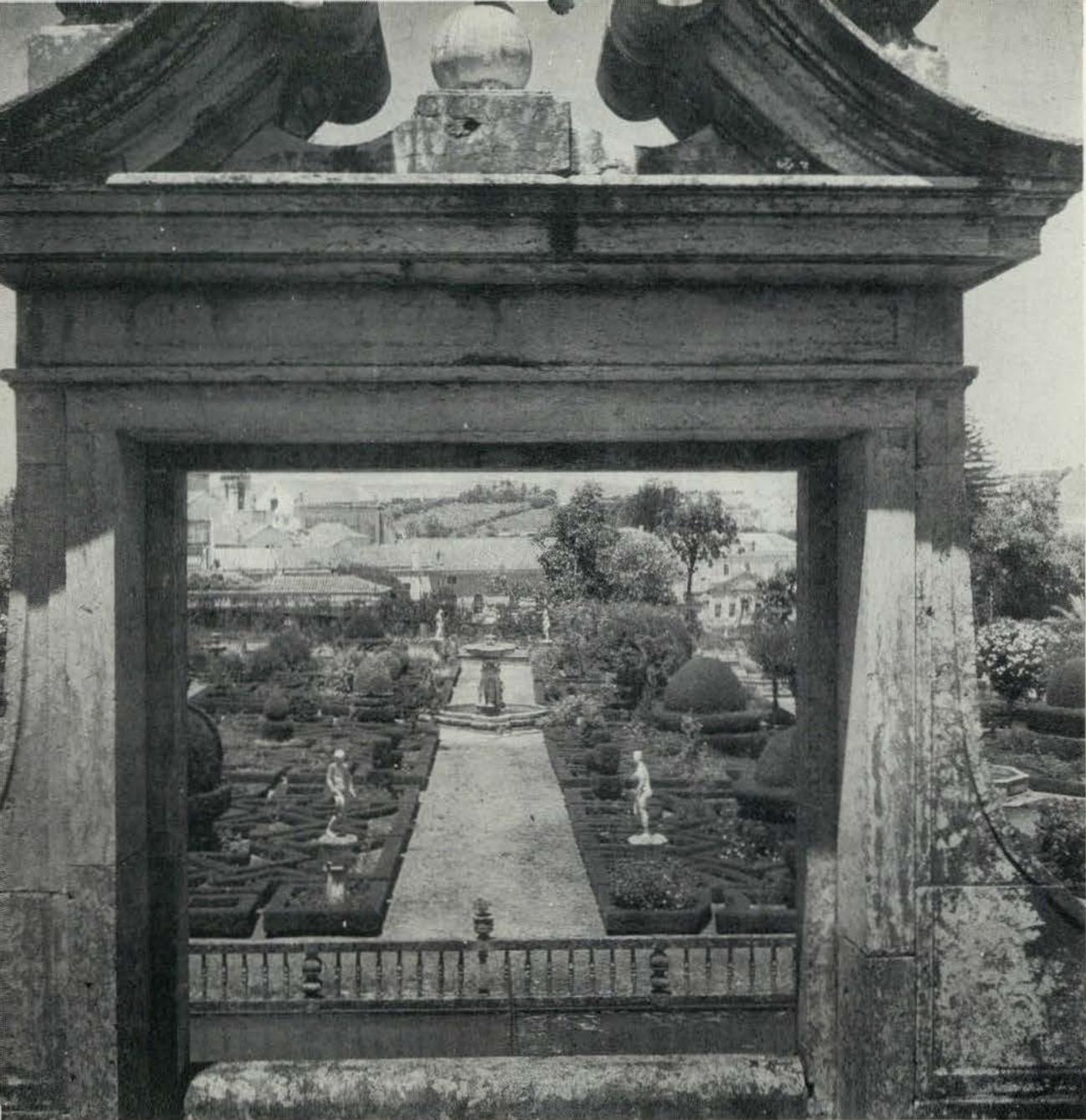
Constant de Breton — «A mulher da mantilha», óleo.

Maurice de Vlaminck — «O Sena em Chatou», óleo.

Bernard Milleret — «Banhista», gêsso.
André Derain — «Nu», gravura.

Se os amadores mais esclarecidos puderam, através dela, documentar a noção abstracta que faziam do significado estético do «fauvismo», «cubismo» e «super-realismo», os outros — anti-modernos ou apenas leigos — habituados a sorrir desdenhosamente perante os especimes similares da vasta e interessante produção nacional, ficaram, a partir desta visita, mais aptos a compreender, ou — se não tanto — a respeitar a maneira de sentir dos artistas modernos, a qual, no justo dizer de Ortega y Gasset, «longe de ser um capricho, significa o resultado inevitável e fecundo de tôda a evolução artística anterior».

C. Q.

Desvallières — «Cristo despojado das suas vestes», pintura.
Marcel Gimond — «L'Ardèche», bronze.

CECIL BEATON é um dêsses artistas excepcionais, de fantasia fulgurante, que sabem servir-se de todos os meios de expressão, imprimindo-lhes o cunho duma personalidade estruturalmente moderna e inconfundível. Desenhador, escritor, fotógrafo – não sabemos se mais alguma coisa – Cecil Beaton, inglês de origem e colaborador dos melhores «magazines» europeus e americanos, passeia pelo mundo a sua sensibilidade, ávida de sensações únicas, e a sua retina de caçador de imagens inéditas. Leva também pincéis, lápis, tintas, a caneta e a máquina. Depois conta-nos o que viu e sentiu, em crónicas e livros que parecem caixas-de-surpresas, como são os curiosíssimos volumes ilustrados: «Cecil Beaton's New-York» e «Cecil Beaton's Scrapbook». De passagem, há pouco, por Lisboa, fotografou monumentos, paisagens e pessoas ilustres. Abrindo nesta revista uma excepção, reproduzimos, nas páginas seguintes, alguns dêsses retratos – cujas provas foram recentemente expostas no estúdio do S. P. N.

General António Oscar Fragoso Carmona

Chefe do Estado

D. Manuel Gonçalves Cerejeira

Cardial Patriarca de Lisboa

Condessa de Rilvas

Presidente da Obra das Mãis pela Educação Nacional

Engenheiro Duarte Pacheco

Ministro das Obras Públicas e Comunicações

Senhora D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich

Escritora e antiga Embaixatriz em Londres

Almirante João de Azevedo Coutinho

Herói das Campanhas em África

Senhora D. Fernanda de Castro Ferro

Poetisa e criadora dos Parques Infantis

Senhora D. Maria Cecília Arriaga e Cunha Pinto Basto

FOTOS DE CECIL BEATON

MILAGRES DE ARTE NO NATAL

por

DIOGO DE MACEDO

Estou certo de que se nos déssemos ao cuidado patriótico e cristão de reünir numa galeria todos os presépios de arte, ou pitorescos e populares, realizados em casas religiosas por mãos devotas e com gôsto enternecido, de portugueses, conseguiríamos uma das maiores e mais importantes colecções do mundo inteiro. E essa galeria, também estou certo disso, seria dentro de pouco tempo, uma das mais visitadas pelos estudiosos e pelo povo, por estrangeiros e nacionais, conhecida e apreciada com justiça, em competência com o nosso Museu dos Coches, um dos primeiros da Europa. Falta-nos a nós todos, não a imaginação para iniciativas, mas a perseverança para actividades dêste género.

Reüniu-se um dia, quási que só com a prata da casa, quero dizer, com as peças guardadas no Museu das Janelas Verdes, uma formosa, original e explendente exposição de barros policromados, na sua maioria inspirados pela *Natividade* e pela *Adoração*. Ora essa iniciativa da Academia de Belas Artes deu logo pretexto a uma campanha de arte, de regeneração tradicional, de devoção e defesa do

Presépio de Hein Semke — propriedade do S. P. N.

FOTO DE MARIO NOVAES

motivam festejos de caridosa alegria; e não há cidade portuguesa que não tenha em palácios, museus e altares, as peças mais notáveis dessas obras de arte com o Nascimento de Jesus e a Adorações dos reis e dos pastores. Tantas e tantas possuímos, de fino gôsto e de ingénuo lirismo nas composições, em barro, marfim, cêra e madeira, que bem justo seria as competências e autoridades oficiais tomarem a peito e com urgência a fundação da galeria nacional à qual me refiro.

(Continua na pág. III)

FOTOS DE MARIO NOVAES

Presépio de Martins Corrêa e de Tom

culto popular em favor dos *Presépios Portugueses;* e abriram-se concursos, estimularam-se novos artistas e amadores na recriação daqueles motivos, cantaram-se lôas em seu louvor, fizeram-se conferências, escreveram-se mil artigos e organizaram-se outras tantas festas por tôda a nossa terra.

Isto provou que tão fundas raízes tem aquele culto de graça no coração do povo português, que bastou uma nova estrêla brilhar na Capela das Albertas, para que o país inteiro lhe rezasse e acendesse os seus lumes de amor ao Menino Jesus. Ousarei mesmo dizer, ao Menino Jesus de Portugal.

Não há terra da província que não possua na igreja ou em oratórios particulares, maquinètas e redômas com formosos presépios, que na quadra do Natal

Presépio de Maria Luiza Fragoso

Aqui se elogiam

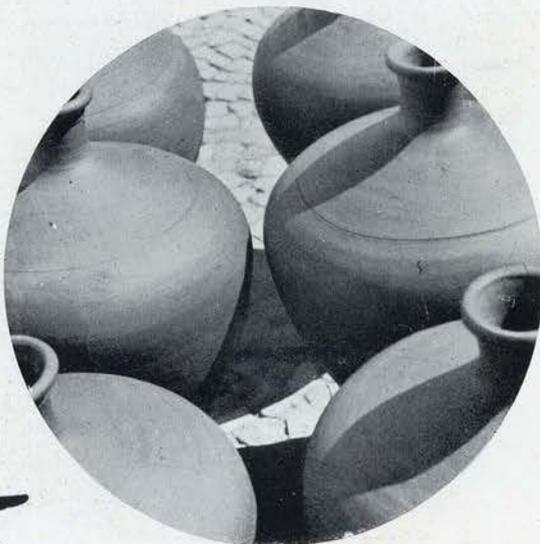
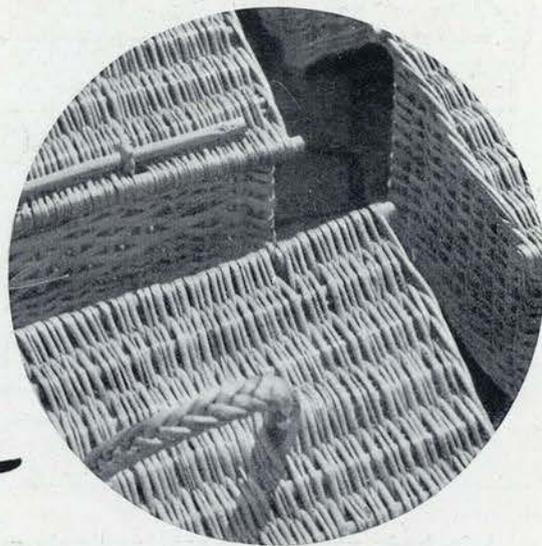
AS MÃOS DOS NOSSOS ARTÍFICES

JÁ repararam bem na tumultuosa, na desvairada ansiedade, no nervoso movimento das mãos dos operários quando, longe do mundo, longe de tudo que não seja o desejo da perfeição da obra a criar, se entregam exclusivamente ao seu trabalho silencioso e humilde? Vejam bem as mãos daquela bordadora da Madeira, mãos de fada que fazem maravilhas e tornam conhecida no universo a ilha abençoada do Atlântico. Um motivo de turismo. A alma, o espírito criador dessas mulheres artistas está nas suas mãos. Tôda a chama que arde nas suas vidas, todo

FOTO DE J. BENOLIEL

o desejo que devora, todo o ideal que vivifica — está naquelas mãos desconhecidas, heróicas, cheias de nervos e de sonho.

E os canteiros? São êles os grandes vencedores da pedra, os grandes modeladores do mármore, os carrascos do granito, os flageladores de penedos, os silenciosos e ignorados colaboradoros dos artistas, cujo génio fecundou uma obra de arte. São as mãos dêsses homens rudes, que se apaixonam pela pedra, como o pintor pela estátua, os criadores da beleza definitiva, os que transformam em eterno o fugitivo, o efémero fulgor do génio humano.

As mãos dos operários... É vê-los a modelar o barro! — Mãos sujas e viscosas, molhadas com a terra vermelha que parece

gritar. Chegam a confundir-se com o próprio barro, na luta feroz entre a vontade de criar e a revolta da lama barrenta que acaba por ser dominada. E dessa luta entre o artista popular e a terra vermelha da montanha nascem as ânforas elegantes, as bilhas airosas, as gentis miniaturas. Os barristas de Portugal são excelentes animadores do turismo.

Quem não conhece as miniaturas caldenses e os barros de Penacova? E os cesteiros? E os entalhadores? E os ourives? E tôda essa multidão de operários construtores de pequeninos mundos de beleza — como os cestos de Avintes, a talha dos artistas de Lisboa, as jóias douradas de Gondomar?

A. de F.

FOTOS DE J. BENOLIEL

OS GRANDES VALORES TURÍSTICOS NACIONAIS

A fachada principal e um ângulo da magnífica piscina do Grande Hotel do Luso

NUM ritmo cada vez mais acelerado, de quem deseja compensar-se ràpidamente de todo o tempo que perdeu, Portugal revela por tôda a parte uma ânsia de progresso, de engrandecimento e de renovação que o transforma, o rejuvenesce e o coloca na sua época, no seu século.

Grandes obras que outrora se arrastavam e quási se esqueciam através de gerações, se começam e se terminam hoje màgicamente por tôda a parte, apetrechando o nosso país em todos os sectores da sua actividade, preparando-o para o grande papel que no futuro pode e deve ter, como natural entroncamento de grandes linhas aéreas, terrestres e marítimas do mundo, grande centro internacional de comunicações e, portanto, de turismo.

O Estado com as suas grandes realizações, a obra formidável das estradas, os cais, os aeroportos, a melhor instalação de todos os serviços, os edifícios monumentais, as grandes realizações, tem despertado e estimulado as iniciativas particulares, tem feito surgir e preparado condições para os mais úteis e necessários empreendimentos.

PANORAMA na campanha que se propôs de passar em revista e dar o justo relêvo a todos os valores turísticos que o mereçam, apresenta hoje dois aspectos de mais uma valiosa e bela iniciativa: — o Grande Hotel que foi enriquecer a estância termal do Luso, grande centro de turismo dos mais concorridos do país.

O grande edifício por tôdas as suas modelares e confortáveis instalações e a sua monumental piscina — uma das melhores ùltimamente construídas entre nós — vem dotar aquela importante zona de turismo com um elemento de real valor, que o seu crescente desenvolvimento justifica.

A. C.

FOTOS BELEZA

GRANDE HOTEL DO LUSO

BOLETIM MENSAL DE
TURISMO
EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

O facto de estarmos no inverno, implica, forçosamente, a suspensão de várias actividades afectas ao turismo, sobretudo naqueles pontos e casos em que o tempo é . . . quem tudo manda.

A chuva, o frio e o vento despovoam o ar livre. A paisagem, despojada dos seus mais belos atributos, repele os contemplativos. O turismo refugia-se, concentra-se, aninha-se nas grandes cidades.

Que fazer? Ouvimos preguntar, lá de longe, dos vários e encantadores recantos da nossa hospitaleira província.

— Tudo menos cruzar os braços, senhores bairristas (profissionais ou amadores, oficiosos ou particulares)! Tudo menos cruzar os braços e adormecer à lareira, esperando acordar com a optimista chilreada das aves primaveris.

Há muita coisa a fazer. Projectos de obras e obras mesmo. Em primeiro lugar, um exame de consciência: — Fizemos quanto podiamos e deviamos, em prol do progresso da nossa terra? Vejamos, nestes capítulos: o do bom gôsto; o da higiene; o das pequenas obras de embelezamento e utilidade pública . . . Etc., etc. Outra pregunta, não menos necessária e oportuna: — A propaganda foi inteligentemente orientada e executada com eficiência?

Também nos parece aconselhável, quando a chuva não apertar, alguns passeiozinhos pelas ruas, praças e jardins das cidades e vilas. Deve por lá haver muita coisa a mais e . . . a menos. A mais é, por exemplo, numa praça, uma sentina pestilenta. A menos, alguns bancos onde as pessoas possam sentar-se, num jardim ou num miradouro. Etc., etc.

Turismo não é sinónimo de comodismo, senhores bairristas! Muito menos de inércia, de sono ou de paralisia. É o contrário disso tudo — e o inverno passa num instante.

O QUE TEMOS EM SANTARÉM DE MAIOR INTERÊSSE

MUSEU E BIBLIOTECAS

Museu Arqueológico (na antiga igreja de S. João de Alporão — Monumento romano-gótico, do século XIII).
Biblioteca Braancamp Freire.
Biblioteca Camões.

TRANSPORTES E EXCURSÕES

Combóios da C. P. — Camionetes da Emprêsa de Viação «A Scalabitana» (de Francisco Ferreira Vinagre).
A Vale de Lôbos, Pernes, Olhos de Água, Alcanêde, Vale de Santarém, Izenta, Almoster.

Estância termal de *Alcanhões*, águas cloretadas, indicadas para doenças de pele e reumatismo.

IGREJAS E MOSTEIROS

Igreja da Graça (século XIV).
Igreja de Marvila (século XII).
Igreja da Misericórdia (séc. XVII).
Igreja da Alcáçova (século XII).
Igreja do Seminário (século XVII).
Igreja da Senhora da Piedade (século XVII).
Igreja do Monte (século XVI).
Igreja do Milagre (século XVII).
Igreja de Santa Iria (século XII).
Igreja de Santa Cruz (século XVII).

Convento de Santa Clara.
Convento de S. Francisco.
Convento das Donas.

DOCE REGIONAL

«Celestes» de Santa Clara.

DIVERSOS

Fontes artísticas das Figueiras e de Palhais.
Tôrre das Cabaças (ou Cabaceiro).
Padrão de Santa Iria (na Ribeira de Santarém).
Estátua monumento aos mortos da Grande Guerra.
Estátua do Marquês Sá da Bandeira
Busto de Anselmo Braancamp Freire.
Portas do Sol.
Porta de S. Tiago.
Ponte de D. Luiz.

PONTOS DE VISTA

Panorama das Portas do Sol.
Panorama de São Bento.
Panorama de Monte Cravo.

FEIRAS E ROMARIAS

Feira anual do Milagre, no 2.º domingo de Abril (dura 8 dias).

Feira anual da Piedade, no 2.º domingo de Outubro (dura 8 dias).

Romaria da Senhora da Saúde, 1.º domingo e 1.ª segunda-feira de Agôsto e no 2.º domingo de Outubro.

Romaria de S. José, em 19 de Março, na Quinta das Omnias.

Festas tradicionais do Santíssimo Milagre no Domingo de Pascoela.

HOTÉIS E RESTAURANTES

Hotel Central.

Restaurante Central.

ALGUNS ARREDORES DE SANTARÉM

IGREJAS E MONUMENTOS	PONTOS DE VISTA E PASSEIOS	ESPECIALIDADES REGIONAIS	DIVERSOS
ALMEIRIM E ALPIARÇA			
★	Casa e Quinta dos Patudos.	Pão de ló, bolos de amêndoa.	Feiras e festas regionais locais, pelo ano fora.
AZAMBUJA			
Igreja Matriz, do séc. XVI na vila e o pelourinho em Manique do Intendente.	Pinhal, Vala Nova.	Torta e pão de ló.	Feiras em Maio e Outubro.
CARTAXO			
As duas igrejas de Pontevel, Convento de Almoster, cruzeiro junto à igreja paroquial.	Quinta dos Chavões.	Pastéis de nata, pastéis de feijão, rebuçados de ovos.	Feiras anuais de 1.º de Maio e de Todos-os-Santos.
CHAMUSCA			
Ermida no alto da Senhora do Pranto (românica, com magníficos azulejos).	Panorama do alto da Senhora do Pranto e do Senhor do Bonfim. Passeios ao Arrepiado, ao Convento de Santo António (pela ribeira de Ulme) e ao Castelo de Almourol.	Doces de ovos (trouxas e lampreias).	Feira de Janeiro.
GOLEGÃ			
Igreja Matriz do séc. XVI com azulejos hispano-árabes. Igreja da Misericórdia do séc. XVI. Ermida de S. José, na Azinhaga, séc. XVII.	Quintas: da Cardiga, dos Alamos, da Broa e da Azinhaga.	Trouxas de ovos, arroz doce e bolos de noiva.	Feira anual de 11 de Novembro (10 dias) uma das feiras mais importantes do país e de muito interêsse folclórico.
RIO MAIOR			
★	Visita às minas de salgêma, a 3 quilómetros da vila e às Grutas das Alcobertas a 12 quilómetros.	Pão de ló de Rio Maior.	Queijos de sal, fabricados nas marinhas de sal.
VILA FRANCA DE XIRA			
Pelourinho de Povos. Convento da Carnota.	Lezírias do Tejo; Vale da Água Férrea; Monte Gôrdo e Senhor da Boa Morte, em Povos. Quinta do Cabo.	«Jaquetas» e biscoitos de Vila Franca.	Bonecos de pano — miniaturas de campinos e ceifeiras. *Festas do Colete Encarnado:* Em Junho (muito interêsse folclórico). Feira anual de Outubro. Romaria do Senhor da Boa Morte, em Povos.

FIM DE SEMANA no Ribatejo, com Santarém por ponto de partida, proporciona a revelação de trechos paisagísticos encantadores, monumentos admiráveis, costumes e tipos regionais cheios de pitoresco e de características inconfundíveis.

I N D U S T R I A S   N A C I O N A I S

A Pesca e as Conservas de Peixe

HOJE, que a supremacia dos assuntos económicos se afirma a cada passo como questão fundamental e decisiva na vida das nações, compreender-se-á que votemos também um pouco de atenção nestas colunas, ao aspecto industrial e muito interessante das conservas de peixe, em Portugal. Para isso, comecemos por longe, embora ligeiramente.

A pesca principiou, não por ser um desporto ou profissão, mas, uma curiosidade: o animal-homem vendo o animal-peixe, experimentou humanamente desejos de o agarrar. Satisfeito o instinto, mastigou-lhe um pedaço. Gostou, não podia ser exigente quem comia o seu irmão. E assim começou, pelos séculos adiante, essa aventura nova para os povos ribeirinhos.

Pescando mais do que o preciso para a alimentação, e nem sempre sendo possível fazer-se ao mar, deve ter surgido no espírito ainda tôsco do homem primitivo, a idéia que celebrizou a previsão da formiga. Assim, despontou a indústria das conservas que, além de ter também a sua técnica própria e de se basear em conhecimentos vários, veio dar origem a um círculo vicioso de consoladora verificação na maré alta da economia nacional: se o stock excedente de peixe motivou a indústria das conservas, esta, por sua vez, precisando de matéria-pri-

ma constantemente para não paralizar o seu maquinismo, obriga ao desenvolvimento da indústria piscatória.

Em Portugal não se podia, de forma alguma, passar indiferente a essa nova actividade humana. Quando mais não fôsse — mas vem-nos de idades remotas o espírito de iniciativa e realização fecundas, — quando mais não fôsse, tínhamos a nossa tentação — o Oceano, a bater-nos, à porta incessantemente.

Da pesca bem depressa fizemos encantador passa-tempo.

Do Minho cantante ao florido Algarve, não falta quem goste de pescar o seu caranguejo ou a sua enguia, em alegres diversões de simples amadorismo.

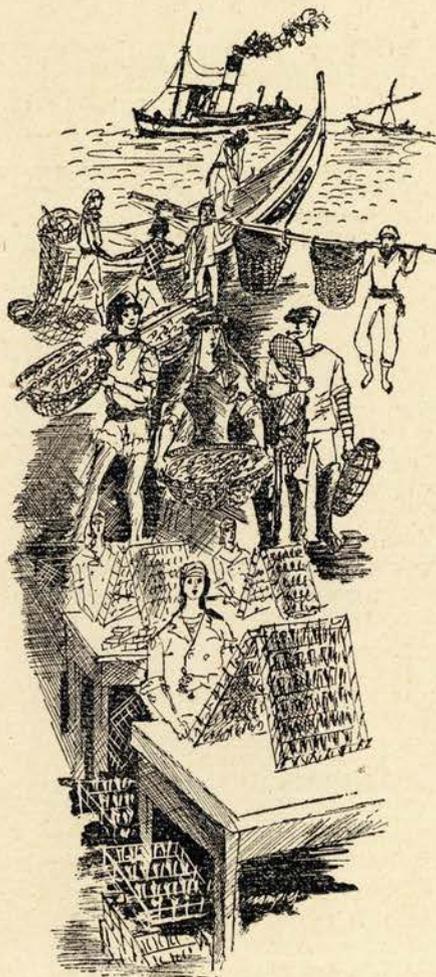
D. Carlos, com a sua universal consciência artística, por exemplo, amou êsse prazer portuguesmente.

Mas, nem só como divertimento a pesca tem cativado a nossa atenção. Fizemos dela, há muito, uma profissão rendosa que, estendendo-se por uma costa de 800 e tantos quilómetros, vai assegurar o pão nosso de cada dia a cêrca de 60.000 pessoas.

Ocorre mencionar que a nossa perfeição inata de pescadores ganhou fama, que ultrapassou fronteiras.

Por um contrato assinado no século XIV, foi-nos dada a exploração piscatória das costas de Inglaterra. Isso equivale a dizer que aos pescadores portugueses, cabe a reivindicação de terem esclarecido nesta actividade, os povos costeiros da velha Albion.

Actualmente, como reflexo do espírito de renovação que a certos sectores da nossa vida social vai emprestando a Administração pública, já não é só a grande escola prática dos pais que consigo levam os filhos — ainda cachalotes — nos batéis para o mar, que os inicia na poderosa indústria.

A criação de várias escolas de pesca ao longo da nossa costa, para serem freqüentadas por todos aqueles que queiram preparar-se para a salutar e agitada

vida oceanica, demonstra o interêsse que ao Estado Corporativo — sempre exemplar no desenvolvimento das mais úteis actividades, justamente mereceram as fontes de uma das maiores riquezas nacionais.

As nossas costas são ricas em pescado, mas é a sardinha o peixe que mais se pesca nas nossas águas. São também muito abundantes o atum e o biqueirão, do qual se fazem as enchovas.

E em tal abundância o peixe povoa e enriquece todo o litoral português que a maior parte do que se pesca tem de ser conservada e dá lugar ao desenvolvimento de uma grande indústria que tem conseguido impôr em tôda a parte as nossas conservas de peixe.

Tem o maior interêsse para o turismo nacional essas conservas pela boa propaganda que fazem do país que as produz e as fabrica e pelos óptimos elementos que fornecem para melhorar e enriquecer as ementas de hotéis, pousadas, pensões e restaurantes, que estão na base de todo o turismo.

As afamadas sardinhas portuguesas de conserva, podem fornecer variadíssimas receitas de aperitivos e dos mais diversos pratos.

Quantos, por exemplo, se podem fazer com a saborosa «mousse» que se obtém esmagando as sardinhas de uma lata de sardinhas portuguesas sem pele e sem espinha, passando-as pela peneira, juntando-lhe duas vezes o seu pêso de manteiga sem sal, e temperando-as com sal e pimenta. Com esta «mousse» se podem preparar ovos do Estoril, ovos de Nice, fatias duquezas, fatias janotas, dominós de sardinhas, etc.

Ainda para o lanche as sardinhas portuguesas de conserva podem fornecer as mais variadas *sandwiches*.

E tantos outros pratos como as sardinhas grelhadas, pastéis de arroz com sardinha, e sardinhas panadas, sardinhas de caldeirada, pimentos recheados com sardinha em Pirâmide, sardinha Monte Carlo, costeletas fingidas, almondegas de sardinha e muitos outros dão a medida do valor das conservas de peixe na valorização da *culinária turística* do país.

(Desenhos de Bernardo Marques)

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

"O Regionalismo como Necessidade"

Merece transcrição integral o breve artigo que, sob êste título, publicou o *Diário de Coimbra* — pelo bom senso e oportunidade dos conceitos nêle expressos:

«Há muitos anos que em Portugal se fala em regionalismo, e há muitos anos que êle se cultiva num ambiente de interêsse e de carinho. Tôdas as regiões do nosso país possuem os seus organismos regionais, cuja finalidade se traduz na defesa e propaganda das suas reïvindicações mais instantes. Mas, não é só a defesa de interêsses e a propaganda das belezas afectas a estas ou àquelas regiões que constituem o verdadeiro substractum do regionalismo. Êste, na sua expressão mais elevada, obedece a princípios elevadamente patrióticos, como sejam os de manter intactas as virtudes do povo e cultivar as suas tradições seculares.

A tendência actual do regionalismo manifesta-se, precisamente, nestes sentidos, como o provam as organizações folclóricas e os trabalhos etnográficos levados a efeito nos últimos tempos.

Num ambiente cheio de *modernismos* perigosos para as virtudes e tradições populares, é-nos grato registar tal tendência, porquanto exprime uma necessidade para salvaguardar o património que o passado nos legou. Neste caso, o regionalismo é uma necessidade e, como tal, deve ser satisfeito.

O regionalismo-necessidade é um facto real e concreto. Convém cultivá-lo em tôdas as regiões do país, pois é do somatório das nossas virtudes e tradições que deriva a manutenção da unidade espiritual que une todos os portugueses».

Uma sessão dedicada à "Terra de Miranda"

A Direcção da Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro levou a efeito, no mês passado, na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, uma interessante sessão dedicada à *Terra de Miranda*, na qual colaboraram, com palestras de boa propaganda regionalista, os Drs. Ferreira Deusdado, Duarte Figueira e Luiz Chaves, e o Rev.º António Mourinho — que recitou em dialecto mirandês.

Do programa, destacamos a curiosa *Dança dos Pauliteiros*, executada pelos pauliteiros de Cércio. As canções e bailados típicos foram interpretados por um animado grupo de raparigas e rapazes da freguesia de Duas Igrejas.

A enorme afluência de público a esta sessão demonstrou, mais uma vez, o interêsse que despertam os espectáculos destinados a divulgar a riqueza folclórica das várias regiões do país — devendo constituir um estímulo positivo para que freqüentemente se repitam.

Grupo "Amigos da Louzã"

Acaba de fundar-se em Lisboa o grupo «Amigos da Louzã», que se propõe fazer na capital a propaganda turística da Louzã e do seu concelho. Dirige-o uma Comissão Organizadora, de que fazem parte os Srs.: Adelino Fernandes de Carvalho, Dr. Ângelo Queiroz da Fonseca, Dr. Fernando Pais de Almeida e Silva, Dr. José Pinto de Aguiar e Manuel de Aguiar Cortez.

As inscrições de sócios — que podem deixar de ser louzanenses, mas apenas amigos da Louzã — fazem-se, provisòriamente, no Largo do Terreiro do Trigo, 4-1.º

A Comissão Organizadora vai abrir, dentro de pouco, entre os artistas portugueses, um concurso para a realização de um cartaz de turismo, cujas bases serão oportunamente publicadas.

"Conheça a sua terra"

★ Com o fim de comemorar a centésima emissão dêste programa radiofónico — que se efectuou no dia 27 de Novembro — os Serviços de Turismo do S. P. N. promoveram um concurso de diálogos turísticos destinados a ser interpretados pelos habituais locutores da Emissora Nacional.

Foi constituído um jurí, de que fizeram parte os poetas Silva Tavares e Adolfo Simões Müller, e os referidos locutores, Áurea Batalha Reis e Olavo d'Eça Leal. Obtiveram, respectivamente, o primeiro e segundo prémios, os senhores: Mário Rodrigues Rocha e Georgino da Nova.

Os prémios consistiam num exemplar da luxuosa edição ilustrada «Vida e Arte do Povo Português», e noutro do belo album «Paisagem e Monumentos de Portugal.»

★ Acêrca do mesmo programa publicou, recentemente, o semanário *O Ilhavense* o éco seguinte:

«O português tem um espírito ávido de distância, devassador de horizontes novos. Essa característica, se por vezes encerra virtudes ancestrais, enferma também dum perigoso defeito: No desejo de conhecer *outros países, outras* paisagens e *outros* costumes, o tempo não nos chega para conhecermos, como deveríamos, o *nosso* país, as *nossas* paisagens e os *nossos* costumes.

Revelar Portugal aos portugueses sempre foi, por isso, um dos pensamentos-base do Estado Novo. Êsse pensamento encontrou hábil realização nos passeios realizados pelos Serviços de Turismo do S. P. N. e nos programas da mesma origem, lidos ao microfone da Emissora Nacional, sob a rúbrica: «Conheça a sua terra».

Dezenas de excursões têm sido levadas a cabo: — realização prática. Dezenas de diálogos de divulgação têm sido proferidos: — realização teórica.

A acção daqueles serviços não se desenvolve, apenas, em quantidade, mas também em profundidade. Assim, tem sido posta com evidência esta verdade fundamental: não basta que cada português *conheça a sua Terra;* é necessário que a conheça *o melhor que puder*».

"Panorama" Regista

★ O aparecimento do segundo número da grande revista de cultura luso-brasileira *Atlântico*, editada pelo Secretariado da Propaganda Nacional e o Departamento de Imprensa e Propaganda do Brasil.

★ O êxito do filme *Ala-Arriba*, realizado por Leitão de Barros, que pôs mais uma vez à prova — com a notável interpretação dos pescadores da Póvoa de Varzim — a fotogenia e a intuïção artística do nosso povo.

★ O êxito do *Concurso Fotográfico das Beiras*, promovido pelo *Diário de Coimbra*.

★ A publicação do primeiro volume dos *Estudos do Museu Alberto Sampaio*, consagrado ao fresco *A Degolação de S. João Baptista*, com um estudo do nosso colaborador Alfredo Guimarãis e magníficas ilustrações.

★ O impecável gôsto gráfico da excelente colecção «Poesia», editada pela «Ática» — sob a direcção técnica de Luiz de Montalvor — de que já saíram dois preciosos volumes, com as obras poéticas de António Patrício e de Fernando Pessoa.

★ A recente criação oficial de um curso de *Arquitectura Paisagista*, regido pelo Eng.º Agrónomo Francisco Caldeira Cabral, no Instituto Superior de Agronomia.

Estações floridas

A deficiência de meios de transporte dificultou, êste ano, a decisão do júri nomeado para o concurso anual das *Estações Floridas*, promovido pelo S. P. N. A esta dificuldade deve acrescentar-se a notável melhoria observada em grande número de estações, tornando mais demorada a definitiva resolução do júri — que será, no entanto, tornada pública dentro de breves dias.

Caldas da Rainha e o seu Casino

Foi oficialmente nomeada e tomou posse, há poucas semanas, uma Comissão Administrativa para o Casino das Caldas da Rainha, constituída pelos senhores: — António Pereira, delegado do Hospital Rainha D. Leonor; Dr. Júlio Lopes, delegado da Comissão de Turismo e José Serrano de Figueiredo, representante da Câmara Municipal.

O Casino vai funcionar de verão e de inverno, com um variado programa cultural e recreativo, devendo realizar-se importantes melhoramentos no edifício.

Monografias regionais

O Concurso das «Monografias Regionais», lançado pelo S. P. N., foi êste ano coroado de novo êxito, tendo sido apresentados numerosos e interessantes trabalhos. O resultado da classificação será revelado ao público dentro de algumas semanas.

Um exemplo a seguir

O Rev.º Pároco da minhota vila de Fafe tomou a iniciativa de promover a festa do Presépio, manifestação de puro desagravo ao paganismo nórdico do velho de barbas brancas, carreando brinquedos e prendas de vestir para a *Árvore do Natal*.

O simples enunciado da recristianização do Natal, em Fafe, sugere, apenas, êste comentário: — que festas semelhantes se realizem todos os anos, de norte a sul do País, como exemplo magnífico do Portugal que ajoelha e reza, para conversar com Jesus.

Turismo açoreano

A-fim-de elaborar um vasto plano de urbanização de Ponta Delgada — antiga e justa aspiração dos micaelenses — foi convidado pela Câmara Municipal a visitar a referida cidade o arquitecto Sr. João de Aguiar.

Tôda a Imprensa insular deu a êste acontecimento o maior relêvo, anunciando, como primeira etapa da obra, a construção de uma grande avenida marginal — da qual muito beneficiará o turismo açoreano.

ÊSTE NÚMERO

O sensível aumento de despeza provocado pela inclusão de maior número de páginas e de gravuras, forçou a Administração de PANORAMA a aumentar, excepcionalmente, de 1 Escudo o prêço de cada exemplar do presente número.

Capa e Fotolitografias: Lit. de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Tricromia: Bertrand, Irmãos — Gravuras: Bertrand, Irmãos e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tip. E. N. P.

PALACIO E JARDINS DO MARQUÊS DE FRONTEIRA

(Continuação da pág. 10)

A louça da Índia que serviu nesse banquete foi propositadamente quebrada, para que mais ninguém se servisse dela, e com os seus fragmentos, fazendo desenhos bizarros, se embelezaram as suas fontes, grutas e pavilhões.

Não quero deixar de fazer notar que a capela primitiva é de 1584, o que leva a querer que já naquele local haveria outras edificações e que é da tradição S. Francisco Xavier ter ali celebrado a sua última missa, antes de embarcar para a Índia.

Tôda a construção, de um interêsse extraordinário, é cheia de recordações históricas, e é digno de nota o seu estado de conservação.

Merece especial menção a riquíssima e variada decoração cerâmica, com alguns painéis do princípio do século XVII, a chamada Galeria dos Reis, com os bustos em mármore de Carrara, desde o Conde D. Henrique até D. João VI, incluindo o Infante Santo D. Fernando, no Terraço da Capela, belos medalhões ornamentados com frutas, folhagens e flores, ao gôsto *della* Robbia, e dos seus interiores, além da sua galeria de pintura e boas peças de louça, estuques em alto relêvo, com pinturas a fresco, algumas de Pedro Alexandrino, como na actual Sala de Jantar.

Aqui viveu durante algum tempo D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, 4.ª Marquesa de Alorna e Avó do 7.º Marquês de Fronteira, conhecida por Alcipe, entre os poetas, e uma das mais notáveis mulheres portuguesas, e a quando das invasões francesas, esteve aqui instalado, por 24 horas, o quartel general de Sir Wellesley, mais tarde Duque de Wellington. Também aqui estiveram acampadas as tropas miguelistas, em 1833.

Nos seus jardins — com o buxo em tabuleiros geométricos e simétricos, formando ruas, travessas e pequenas praças, com doze estátuas mitológicas e cinco tanques octogonais — conta o erudito Gabriel Pereira que se reüniam os poetas António Dinis da Cruz e Silva, Teotónio Gomes de Carvalho e Manuel Nicolau Esteves Negrão para estudo das bases da Arcádia Lusitana, célebre Academia Literária.

Agôsto de 1942.

JOSÉ CASSIANO NEVES

SANTARÉM

(Continuação da pág. 18)

Era aí que estava o túmulo de D. Duarte de Menezes, 1.º conde de Viana e 1.º governador de Ceuta, e de sua mulher, D. Margarida, que, por êsse motivo, foi mudado para junto da entrada do templo onde ainda se conserva, sendo nessa ocasião encontrado incorrupto o cadáver dessa senhora. Os franceses profanaram-no, em busca de riquezas. Agora, no desejo de tudo restaurar, o túmulo voltou a ser aberto e o cadáver de D. Margarida — cêrca de 500 anos após a sua morte — lá continua mumificado, junto de outros ossos espalhados.

Por tôda a igreja os trabalhos de reconstituïção estão em plena actividade. No altar-mor e capelas absidais o estilo gótico mostra-se em tôda a sua pureza. As janelas tregiminadas — como iguais só há outras em Guimarães e que se ostentam nas capelas laterais do cruzeiro — dão ao recinto uma claridade suave, a iluminar êsse templo que os condes de Ourém mandaram edificar no reinado de D. João I e onde, mais tarde, foi sepultado Pedro Álvares Cabral.

Em Santarém anda, também, a organizar-se um museu de coches e arreios antigos, que já dispõe de bastantes elementos, alguns bem valiosos.

É que a cidade, rainha do Ribatejo, trabalha com afinco em engrandecer-se e progredir, mas, ao mesmo tempo, dedica um carinho inteligente à conservação das preciosidades históricas que atestam as suas tradições antigas.

GERMANA BRAZ DE OLIVEIRA

DA

FOSFOREIRA PORTUGUESA

PELO REGRESSO DO VINHO DO PÔRTO ÀS FESTAS DO NATAL PORTUGUÊS

(Continuação da pág. 27)

As curvas da estatística da colocação externa do vinho do Pôrto desceram às mais baixas posições, que a sua história regista. E êsse vinho era — sabemo-lo todos — o producto português que mais larga e proveitosa procura havia nas melhores praças comerciais da Europa!

É, portanto, necessário dar — pensando em quantos por êle se afadigam e dêle tem sustento — a mais larga compensação interna a essa descida na balança do seu consumo. É preciso abri-lo e gastá-lo em tôdas as cerimónias, onde bem caiba a sua libação. E é indispensável que venha de novo a sua fragância, em abundância, perfumar e animar, como era da regra, os finais amenos das vizinhas festas do Natal Português.

Há que bebê-lo a preceito, consoante os mandamentos do estilo, que são devidos à sua excelência e nobreza.

Servi-lo com tôdas as homenagens e carinhos. Ouvi-lo gorgolejar, caindo no copo de cristal, o seu cântico ditirâmbico. Erguê-lo bem alto, frente à luz dos candelábros, para lhe apreciar e gabar as suas refulgências heráldicas, de rubi ou de topázio. Aspirar-lhe, com vénia, o aroma da sua alma, capitoso e perturbante. E depois, debicando-o, gôlo a gôlo, nos primeiros haustos, suspender por instantes o regalo provado, para, inteiramente digno dêle, com êle entretecer os louvores dessa grande noite:

— Louvado seja Deus! E vós, gente do meu sangue! E a minha terra — terra de Portugal. Louvada seja! E nela, pelo fervor dos homens de boa vontade e pela Graça Divina, mantida, bendita e sempre louvada seja a Paz!

E bom Natal fará — nos parece — quem assim fizer.

AUGUSTO PINTO

MILAGRES DE ARTE NO NATAL

por

DIOGO DE MACEDO

(Continuação da pág. 32)

Afirmo com a mais sincera das convicções e com particulares conhecimentos no assunto, que alcançariamos uma das mais belas galerias de arte portuguesa, na qual se poderiam reünir tôdas as demais esculturas dos nossos barristas e coroplastas, desde o século XVII até hoje. De António Ferreira e Machado de Castro a Barros Laborão e Faustino Rodrigues, para apenas citarmos os mais celebrados da áurea época dos presépios, mas não esquecendo os anteriores barristas, como Inácia de Almeida, por exemplo, até o mais humilde da província, e os mais modernos que em fantasiosas composições têem relatado em arte aqueles santos motivos, a galeria seria tão nobre quanto numerosa.

Mesmo com a debandada de tantas dessas esculturas que pelos tempos além foram enriquecer colecções estrangeiras, tais como aquelas que Raczynski viu na posse de Lord Howard e do Barão de Forrester, além das que êle mesmo possuia e como aquelas outras foram para longes terras, não esquecendo o presépio em maquinêta especial que figura no Museu de Hanover, atribuído a Machado de Castro, apesar desta debandada, repito — onde pararão tantos outros celebrados em documentos? —, ainda assim poderiamos arquivar, e em quanto é tempo, uma colecção de maravilhar alheios e patrícios.

Já nesta revista declarei um dia que era urgente e preciso reünirmos num museu próprio a escultura gentílica dos nossos artistas africanos e a das colónias do Oriente, com as quais formariamos gostosa e grandiosa colecção a rivalizar com as mais cotadas. Pois bem; com o Museu dos Coches, que felizmente possuímos, se organizássemos êsse de Arte Colonial e êste dos Presépios, ficariamos senhores de três das maiores galerias da Europa, nestas especialidades, e cometeriamos uma acção do mais puro sentido nacional, em favor duma arte que nos honra.

Quererá o Menino Jesus fazer êste novo milagre em Portugal?

EMPRÊSA
FABRIL DO NORTE
L I M I T A D A

Telefone 12 - S. H.

SENHORA DA HORA

Matosinhos

FABRICO DE FIAÇÃO, TECIDOS FINOS

LINHAS PARA COSER E BORDAR

FABRICO ESPECIAL DE POPELINES

PARA CAMISAS E PIJAMAS, CORES FINAS

AS MELHORES POPELINES NACIONAIS

Peça em tôdas as boas camisarias as
camisas de popeline da
SENHORA DA HORA

RUA DA ROSA, 309-315 · TELEF. 2 6930 · LISBOA

As reproduções em Fotolitografia e Litografia podem ser consideradas autênticas obras de arte, desde que sejam feitas com os processos técnicos e o esmero que se evidenciam em todos os trabalhos da

LITOGRAFIA DE PORTUGAL

A**S DELICIOSAS CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS DESPERTAM O APETITE E ALIMENTAM**

I.P.C.P